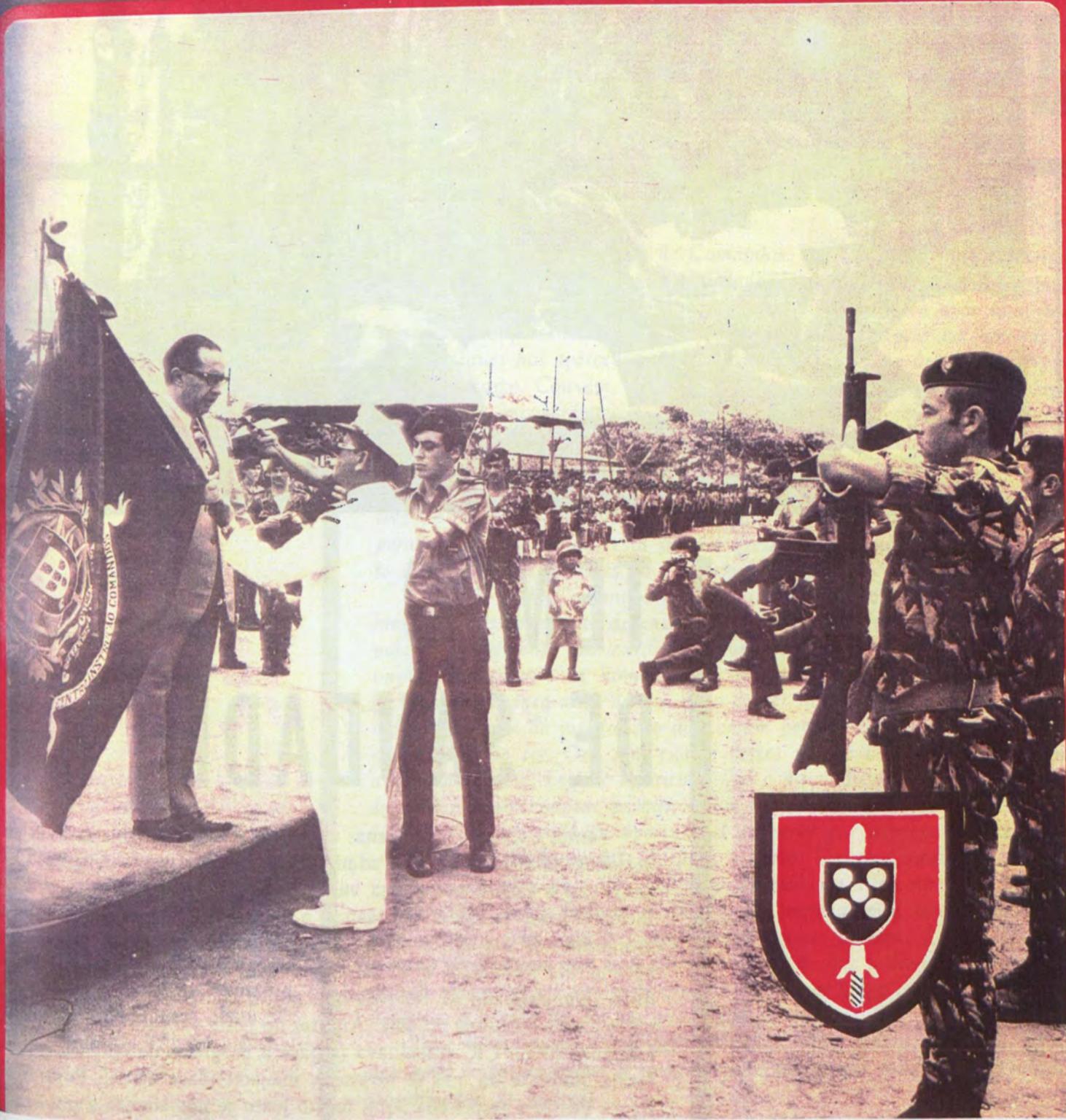
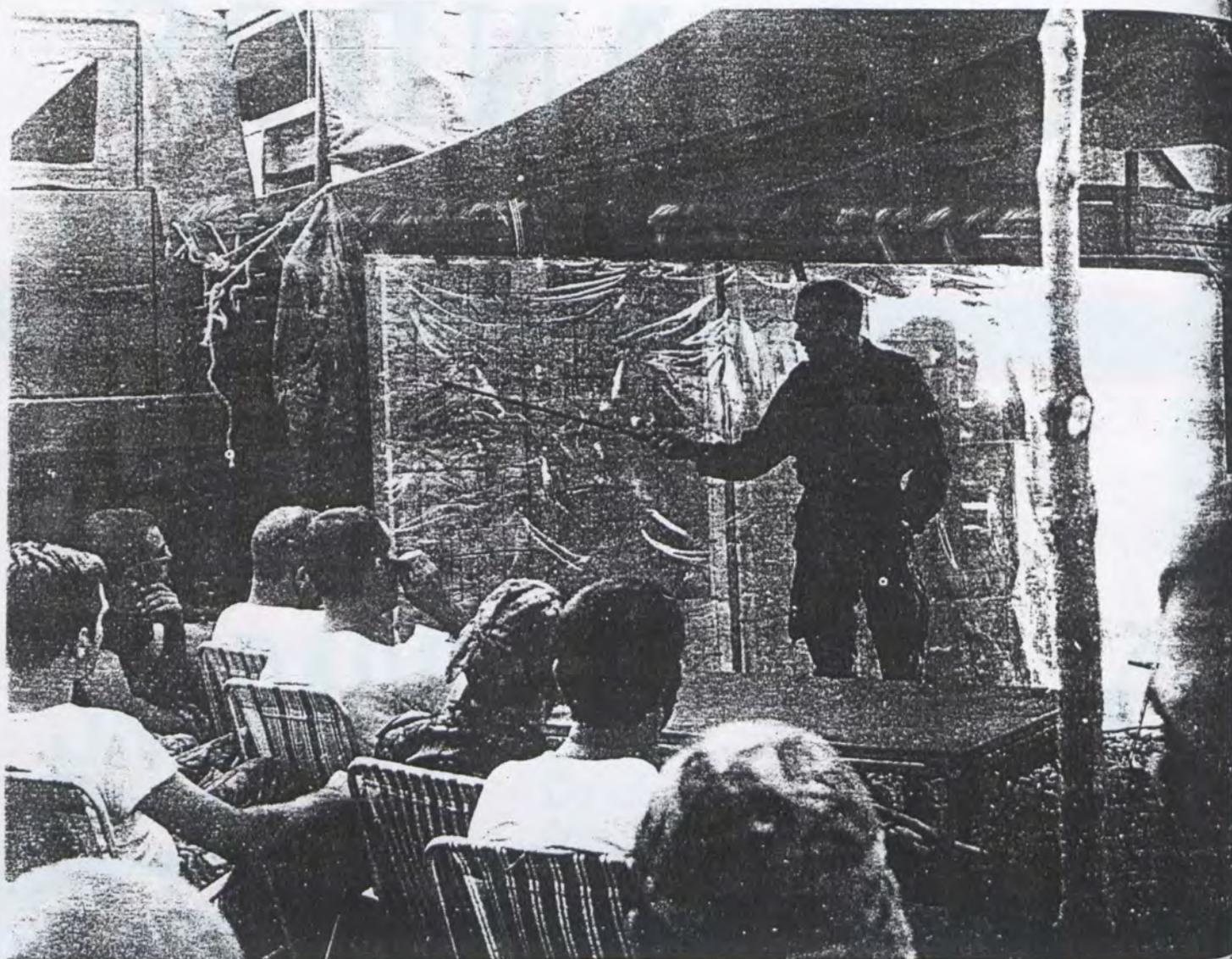


COMANDOS

Director : COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I — OUTUBRO 1973 — N.º 7





TEMPO DE SAUDADE

Santôs e Castro. Não apenas um nome ligado a Angola através de duas personagens ilustres na vida administrativa e política de Angola. O nome de Santos e Castro nesta casa vai para além desse parâmetro. Atinge-nos inclusive com saudade, porquanto o Centro de Instrução de Comando muito deve da sua existência a um dos membros da família que usa aquele apelido. Na fotografia, o actual Governador do Distrito do Cuanza-Norte dirige um punhado de homens que muito contribuíram sob a sua orientação para a defesa de Angola. Algures no Leste vai para uns anos, o antigo Comandante do CIC trabalhava já para o progresso de Angola, embora de forma diferente da que se reveste a sua actividade actual. Porque ele, figura ilustre e respeitada aqui, muito justo se nos afigura a publicação da sua fotografia nesta página.

EDITORIAL

Teve início outro curso de Comandos. A rotina de todo um cerimonial, a angústia e a medrosa ansiedade dos candidatos a nossos irmãos de armas talvez não passem disso mesmo. Nós, que ano após ano, aqui temos estado presentes na formação de novos e competentes homens de guerra, sequer nos apercebemos já de como é importante dar a partida para um novo curso. Convém, todavia, lembrar uma vez por outra a situação em que nos encontramos já, o meio-folgo que nos desapareceu ao entrar pela primeira vez na parada, o receio de partir para zona operacional em instrução, o exame mais do que introspectivo sobre um passado que julgávamos ali acabado, a incerteza de somar hipóteses para o futuro, a tentativa de descobrir uma válida razão para a guerra que fazemos quando, paradoxalmente, ela nos está sempre presente, o mundo infinito de quem se interroga para ser mais do que tem sido, enfim.

Um curso de Comandos não se começa todos os dias, nem todos os meses. A missão ingrata de ensinar a combater não se completa com duas palavras puramente teóricas. Tão pouco se justifica com a nobreza que implica a formação de homens para lutarem por uma causa. Um curso de Comandos, para além de um meio de ser útil à sociedade em que vivemos, é o clímax da justificação do homem perante o valor que ele sempre pensou ou não ter. Ora, um exame destes não se consegue superar sem uma luta enorme, física e espiritual. Daí a dificuldade do curso e o receio dos que o vão frequentar porque sabem perfeitamente que é assim. Daí o êxito da nossa actividade operacional exercida por homens que se consciencializaram maduramente durante o curso. Daí os Comandos.

É importante, pois, que pensemos de maneira diferente relativamente ao curso. Nós que o fizemos já. Nós que o frequentamos ainda. Um curso de Comandos não começa simplesmente porque começa. É urgente atribuir-lhe o valor real que deve ser bem maior do que a dúvida que persiste quando pela primeira vez se percorre o curto mas longo caminho da porta-de-armas à parada no dia em que tudo começa.

Teve início outro curso de Comandos. Não apenas mais um. Mas algo mais importante que a rotina dos números que o definem na nossa contabilidade de guerra!



**automóveis de aluguer
sem condutor**

Largo D. Fernando, 1-2 Telefones 22722 3-23312
Caixa Postal, 680 LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.

ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

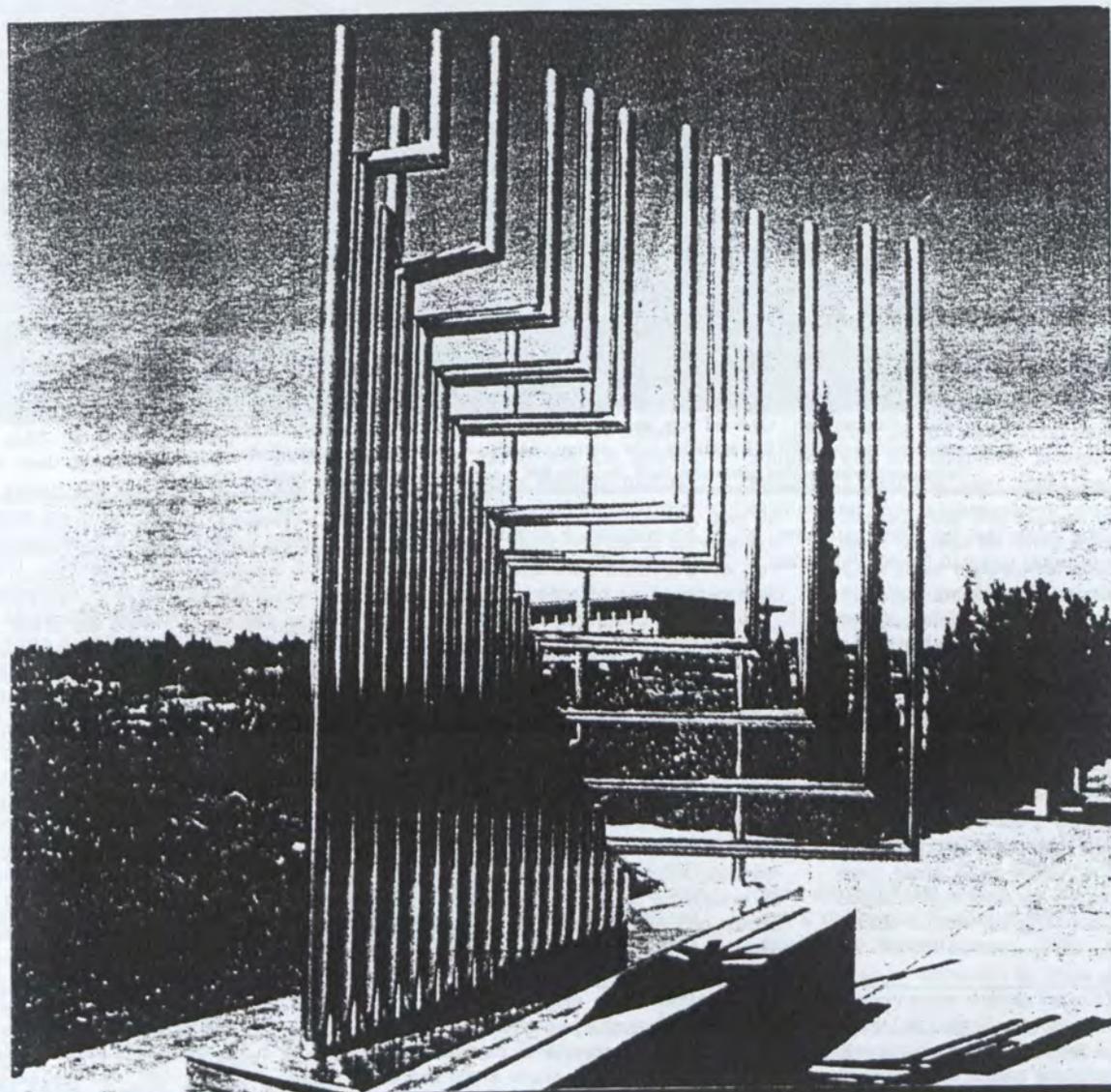
Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34

Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA - ANGOLA

ISRAEL, 25 ANOS DEPOIS

Israel existe, disse Ben Gurion em 1948
Mas a luta ainda não terminou.



Escultura em aço, à entrada do Museu de Israel, em Jerusalém, representando a antiga menorah, uma espécie de candelabro dos tempos bíblicos, e simbolizando a tradição judaica.

Na tarde de 13 de maio de 1948, quinta-feira, 120 pessoas que moravam em Tel-Aviv receberam em mãos um pequeno envelope branco, fechado, sem nenhuma

inscrição ou carimbo do remetente. Dentro dos envelopes havia um cartão, também branco, impresso de um lado só. Era um convite.

Muitos dos 120 destinatários do convite ficaram sem dormir, naquela noite, vigília de acontecimentos extraordinários. E também ficaram acordados, trabalhando, os membros da Administração Nacional Judaica. Um trabalho começado em 1844 (veja o quadro "Do Sionismo ao Estado de Israel", página 89) e que chegava agora — numa atmosfera dramática — a seu momento mais crítico.

Seis meses antes, no dia 29 de novembro de 1947, em Nova York, a Organização das Nações Unidas, presidida naquela sessão pelo delegado brasileiro Oswaldo Aranha, havia finalmente aprovado o plano de divisão da Palestina em dois Estados: um árabe, outro judeu. Desde 1920, após quatro séculos de dominação turca, aquele pedaço do Oriente Médio tinha sido controlado e administrado pelos ingleses por meio de um mandato militar que chegaria a seu fim na noite de 14 de maio de 1948. Um mandato desastroso sob todos os pontos de vista e que agora, no dizer de Winston Churchill, "estava terminando na desonra". Os ingleses, em 28 anos, e durante o governo de sete altos-comissários, não conseguiram ganhar amizade ou mesmo simpatia nem dos árabes nem dos judeus. Enquanto os membros da Administração Nacional Judaica, naquela noite entre 13 e 14 de maio de 1948, preparavam os detalhes para a proclamação do Estado, o general Sir Alan G. Cunningham, último representante de Sua Majestade Britânica na Palestina, fazia suas malas, pensando — como deveria confessar no dia seguinte lendo ao rádio uma patética e humilde mensagem de despedida — "nas muitas coisas que poderiam ter sido realizadas, e nas muitíssimas que não foi possível fazer".

A saída dos ingleses

E os árabes? Naquele mesmo dia, estavam aguardando ansiosos, eles também, a saída dos ingleses. Embora divididos sobre a criação de um Estado, encontravam-se completamente de acordo em atingir um objetivo: o completo e definitivo extermínio dos sionistas judeus, pouco mais de 650 000 em 1948.

Em 1930, os judeus na Palestina eram apenas 175 000, e tinham começado a chegar em 1882, especialmente da Rússia,

obrigados à fuga pelos programs tzaristas. Mas, apesar das restrições britânicas a uma emigração mais robusta dos judeus para a Palestina, os dirigentes sionistas, trabalhando no mundo todo, conseguiram organizar, a partir de 1939, a *Haapala*: uma vasta operação de imigração clandestina, que continuaria até 1948, deixando na história contemporânea páginas de angustiante dramaticidade, como, por exemplo, aquela dedicada à terrível viagem do navio *Exodus*, em julho de 1947*.

Durante os nove anos de seu trabalho, os organizadores da *Haapala* deveriam, em 1945, uma vez acabada a Segunda Guerra Mundial, enfrentar as estatísticas mais cruéis de toda a história do judaísmo: dos 9 500 000 judeus que moravam na Europa, somente 2 750 000 continuavam vivos. E 1 800 000 dessas vítimas tinham menos de catorze anos. Diria mais tarde o escritor católico francês Jacques Mercier: "Foram assassinados por terem acreditado que sua nacionalidade poderia protegê-los. Eles se acreditavam poloneses, russos, alemães, franceses, italianos; mas eram judeus. Pouco importa se assumiam ou não seu judaísmo. Não dependia deles serem marcados ou não como judeus".

Os judeus estavam ainda sob a dor e a angústia dos anos terríveis quando, na tarde de 14 de maio de 1948, o salão do Museu de Tel-Aviv começou a acolher personalidades e convidados. Ficou claro que somente um dos pedidos contidos no convite tinha sido obedecido: o da pontualidade. Ao que parece, esta era a primeira reunião em toda a história do sionismo que começou na hora certa. Mas o segredo não foi mantido. E como poderia sê-lo?

Os convidados

Um dos 120 convidados era o engenheiro Zeev Eliash. Hoje ele tem 72 anos, mora em Jerusalém, é viúvo, tem três filhos, todos casados, que vivem entre Haifa e Tel-Aviv. Originário da Áustria, chegou à Palestina em 1936 e trabalhou num kibutz. A partir de 1946, colaborou com a Administração Nacional Judaica, isto é, com os dirigentes sionistas liderados por David Ben Gurion, que foram os protagonistas da criação do Estado de Israel. Zeev Eliash não tem um braço, o esquerdo.

... sido mudado para Exodus) começou sua longa viagem em direção do porto de Hamburgo (Alemanha). Ali, o navio embarcou 4 500 passageiros judeus, ex-deportados dos campos nazistas, para transportá-los até a Palestina. Mas os ingleses impediram o desembarque no porto de Haifa, e o navio, com seus ocupantes, retomou o rumo da Europa, onde os 4 500 judeus foram obrigados à força a voltar aos campos de refugiados. Em pequenos grupos, no espaço de um ano, os protagonistas da aventura do Exodus conseguiram chegar até a Palestina. Entre eles havia muitos homens e mulheres que colaboraram ativamente para a criação do novo Estado de Israel, como o atual vice-primeiro-ministro Ygal Allon. Exodus foi o tema de um romance de Leon Uris e de um filme de Otto Preminger.

Uma semana após o 14 de maio de 1948 com 47 anos, participou de uma batalha nos arredores de Jerusalém, acompanhando um grupo de soldados judeus que acabava de chegar clandestinamente da Europa sem saber uma palavra de hebraico, a não ser algumas rezas e *shalom*, paz. A tarefa do engenheiro era a de traduzir — gritando — as ordens dos oficiais às tropas, em alemão e francês, fazendo das mãos um megafone. Foi nesta posição, as mãos à boca e os cotovelos arregados, que uma bala encontrou seu braço. Eis o seu depoimento:

"Eu cheguei ao *boulevard* Rothschild às três horas da tarde, mas já havia gente demais: confesso, eu também não resisti à tentação de contar a notícia a dois ou três amigos, e a minha mulher. Recomecei silêncio, mas acho que todos fizeram como eu. A primeira observação que fiz, entrando no salão, foi a da ausência de jovens. Teria sido uma festa muito mais bonita, mas os rapazes estavam ocupados em defender o nosso Estado, já em perigo antes de sua criação. Logo que cheguei, vi a cabeça branca de Ben Gurion, e fiquei admirado: pela primeira vez, ele estava de gravata. Não sei quantos abraços recebi e quantos dei, mas, acredite, a atmosfera não era de alegria. Pairava no ar uma ansiedade profunda, cheia de presságios. Alguém ao meu lado comentava: 'não é improvável que os árabes aproveitem a ocasião para jogar uma bomba em cima da gente'. Estava claro que a essa altura todo o mundo sabia da reunião. Mas ninguém se preocupava realmente com o eventual bombardeio: o que angustiava a todos era a possibilidade de que um acontecimento qualquer provocasse o adiamento da proclamação de nosso Estado. Um Estado que, no momento de a Administração Nacional enviar os convites, ainda não tinha nome. O comitê estudou a noite inteira o assunto, e finalmente prevaleceu a tese de David Ben Gurion, que desde o começo tinha proposto *Medinat Ysrael*, isto é, Estado de Israel, ao invés da antiga fórmula bíblica *Eretz Ysrael*, Terra de Israel. Acontece que, com a decisão da ONU em dividir a Palestina em dois pedaços, os judeus estavam recebendo somente uma parte da "terra", e não aquele todo a que muitos aspiravam. De qualquer maneira, para todos nós já se tratava de um milagre. Um dia, Ben Gurion me disse: 'Lembre-se de que em Israel quem não acredita nos milagres não é realista'. Naquela tarde, lembrei-me de suas palavras como de uma profecia, enquanto continuava a afluir gente, certamente muito mais que os destinatários dos convites. Como se podia dizer 'não, não pode entrar', a um velho *kibutznik* que tinha conseguido chegar até Tel-Aviv furando o cerco dos árabes? Como barrar aquela mulher cujos quatro filhos lutaram quem sabe onde para defender o que estávamos apenas criando? Apesar de uma certa liberalidade, muita gente acabou ficando de fora. A sala era pequena, e além dos membros da Administração e dos convidados, alguém tinha achado um espaço de poucos metros para os 37 músicos da orquestra filarmônica: na confusão geral, entre os abraços e os

* "O navio que a *Haapala* batizou com o nome bíblico de *Exodus*, chamava-se na origem *President Warfield* e pesava 400 toneladas. Construído em 1928, prestou serviço ao longo das costas norte-americanas para turistas de luxo. Em 1942, a marinha militar dos EUA requisitou o *President Warfield*, que atravessou pela primeira vez o Oceano Atlântico e participou, em 1944, da operação de desembarque na Normandia. Após a Segunda Guerra Mundial, o navio voltou para os EUA, onde foi posto à venda, como sucata. Mas uma sociedade panamenha, a *Weston Trading Company*, comprou o velho barco (18 000 dólares) e armou-o de novo. A sociedade praticamente não existia: era uma firma "fantasma" da *Haapala* e da "Agência Judaica". Em 25 de fevereiro de 1947, o *President Warfield* (cujo nome em código já tinha



O poeta israelense Chaim Hefer, com a filha Mimi, na sua casa, em Tel-Aviv. Para ele muita coisa mudou em Israel nesses 25 anos: "Quando o novo Estado nasceu, aqui existiam 650 000 judeus. Imaginem se, de repente, a população do Brasil passasse a 300 milhões. Pois essa coisa incrível aconteceu aqui".

comentários, podia-se escutar violinos e trompas tentando encontrar o 'lá' da afinação. Mas quando Ben Gurion subiu no estrado onde estava a mesa da Administração, às 16 horas em ponto, todos nós nos levantamos e começamos a cantar a *Hativ-kah*, o nosso hino, encontrando os músicos desprevenidos. Foram obrigados a correr com suas notas atrás da gente, só se chegando a uma quase perfeita harmonia orquestra-coro depois de um bom pedaço.

A leitura da declaração da independência e da proclamação do Conselho Provisório do Estado durou menos de meia hora. Logo após o rabino Fishman proferiu a *Sheheheyanu*, pedindo a bênção 'daquele que nos sustentou até agora', e todos, em coro, respondemos à reza com um "amém" de gratidão. Enfim, Ben Gurion olhou para o relógio: eram 4 horas e 37 minutos. 'O Estado de Israel é nato', ele disse, 'a sessão está encerrada.' A começar do velho Ben Gurion, não havia naquele instante quem não estivesse com os olhos cheios de lágrimas e com um nó de emoção na garganta. Foi como um relâmpago de abandono: até chegamos a esquecer aquele futuro que estava lá fora, cheio de incógnitas. Mas durou apenas um instante. Quando conseguimos sair do museu, a multidão enchia a rua: os cordões do serviço de segurança da *Haganá* (o ex-exército clandestino que a partir desse momento representava oficialmente nossa força de defesa) tinham sido rompidos, e milhares de pessoas aclamavam a Ben Gurion e a seus colaboradores.

Nunca vi em Israel — nem antes, nem depois — tanta gente vestida de terno e gravata. Todos, esperando participar da cerimônia, tinham obedecido ao último item do convite: traje festivo escuro".

Qual o nome do país?

Naquele mesmo instante, em Washington, o presidente Harry Truman lia uma carta que acabava de lhe ser enviada pelo líder sionista Chaim Weizmann, pedindo que "os Estados Unidos, que tanto fizeram para encontrar uma solução justa, reconheçam prontamente o governo provisório do Novo Estado Judeu". Truman não queria fazer outra coisa, mas qual era o nome daquele país? No momento de escrever a carta, nem Weizmann sabia ainda, e fora obrigado a usar a vaga fórmula de "Novo Estado Judeu", sem entrar em pormenores. Finalmente, o rádio interrompe seus programas normais, para anunciar ao mundo que *Medinat Ysrael* nasceu. (Oito repórteres e técnicos, com suas aparelhagens, tinham ficado fechados no banheiro do Museu de Tel-Aviv durante a cerimônia, tentando comunicar a notícia, mas, perdidos no emaranhado de cabos e fios existente no improvisado estúdio radiofônico, nem todos o conseguiram.)

Assim, somente 16 minutos após a proclamação em Tel-Aviv — fato inédito na história da diplomacia — os Estados Unidos reconheciam o governo provisório

chefiado por Ben Gurion como "a autoridade de fato do novo Estado de Israel". Com doze minutos de atraso sobre Washington, também a Guatemala reconhece o estado judeu. Nos dias seguintes, continua a corrida diplomática dos reconhecimentos. Em terceiro lugar, no dia 17, chega a União Soviética, cujo representante na ONU, Andrei Gromyko, já havia fornecido amplas garantias de apoio aos dirigentes sionistas de Tel-Aviv.

Moisés prometeu a Palestina aos judeus, mas na prática foi a União Soviética que realizou esta promessa, milhares de anos mais tarde. Com efeito, sem a bênção de Moscou (que com um simples "veto" poderia ter adiado definitivamente a discussão na ONU), talvez hoje Israel não existisse. Mas os caminhos de Deus são tão impenetráveis como muitas vezes são incompreensíveis as atitudes políticas dos Estados. Apenas dezenove anos após a grande manifestação de carinho para com os judeus, a Rússia gastaria no Egito centenas de milhões de dólares em armamentos destinados a acabar de uma vez com o "imperialismo sionista".

Se a Guerra dos Seis Dias, de 1967, representa o ato mais recente de um drama que ainda não está destinado a acabar tão cedo, o começo dele deve ser situado exatamente na tarde de 14 de maio de 1948. Enquanto autoridades e convidados iam saindo em pranto de felicidade da sala do Museu de Tel-Aviv, os exércitos regulares

segue



Reunião de judeus ortodoxos, no bairro de Mea Sharim (As Cem Portas), em Jerusalém. Nem sempre, por motivos religiosos, eles concordam com a política e as decisões do governo. Mas não há polêmicas: todos reconhecem que os ortodoxos, com seu misticismo, muito contribuíram para que se fizesse o Estado.

de cinco-nações árabes resolviam começar uma curta marcha para invadir o novo Estado de Israel. Esses países eram: a Síria, Líbano, Iraque, Egito e Transjordânia, que mais tarde se chamaria Jordânia simplesmente. O objetivo da missão, que se apresentava simples, era este: jogar os judeus no Mediterrâneo.

Um grande *expert* na arte da guerra, o marechal inglês Lord Bernard Montgomery of Alamein, chegou a declarar nos microfones da BBC de Londres: "Mais dois ou três dias, e os sionistas estarão nadando: nada podem fazer contra a força unida dos exércitos árabes". A catastrófica previsão de Montgomery hoje talvez provoque um sorriso, mas 25 anos atrás era compartilhada (ora com tristeza, ora com satisfação) pelo mundo inteiro. E, aproveitando o panorama bíblico da tragédia, falava-se em David e Golias.

Falava-se também, no Egito, em *djiad*: a guerra santa dos muçulmanos contra os infiéis. Esta palavra foi gritada três vezes, segundo o rito, pelos 34 jovens oficiais egípcios que naquela mesma fatídica tarde do 14 de maio de 1948, num quartel da região militar do Nilo, recebiam a patente de capitão do exército. Um desses oficiais tinha trinta anos, e recebeu logo a primeira tarefa: marchar com seus soldados na direção de Tel-Aviv. O neo-capitão não teve muita sorte: foi feito prisioneiro pelos israelenses na região do Neguev, mas o mundo ainda ouviria falar nele. Seu nome: Gamal Abdel Nasser.

Os soldados de Israel que em 1948 começavam sua longa marcha nos terríveis caminhos das guerras, gostavam muito de uma canção intitulada *A Última Batalha*. Diz o refrão, ainda muito popular em Israel: "*Um esquadrão está indo para a luta, quando a primeira estrela está nascendo. Quem sabe, irmão, se voltaremos: talvez esta seja a nossa última batalha*". Chaim Hefer, o autor da letra, hoje, aos 48 anos, um dos poetas e escritores mais famosos de Israel, vive em Tel-Aviv, num bonito apartamento de um dos edifícios mais altos da cidade. Das janelas, pode-se ver até o porto de Jafa, onde ele combateu em 1948, apesar de sua miopia, e apesar de guardar no alforje, ao invés da ração e das munições, livros, papéis e canetas. É casado com Ruth Hefer, uma das mais lidas colonistas de Israel, e tem uma filha, Mimi, que só canta as músicas do abba, o pai.

— Chaim Hefer, você foi um dos protagonistas da independência, com seus versos, seus escritos. Você foi testemunha e repórter do Estado de Israel, desde seu primeiro dia. E está muito à vontade para responder a esta pergunta: o que mudou no seu país nestes últimos 25 anos?

— Mudaram muitas coisas, principalmente no coração da gente. Na mentalidade do povo. Talvez seja esta a mudança principal, no decorrer destes 25 anos de Israel. Quando o Estado nasceu, aqui existiam 650 000 judeus. Hoje somos mais de 3 milhões. Pensando em termos de porcentagem, isto é algo incrível. Imagine se, de

repente, a população do Brasil passasse a ser de 300 milhões de pessoas. Aqui isto aconteceu, e o país inteiro teve que se organizar para viver de maneira diferente, enfrentando a cada dia uma nova realidade demográfica. E tem também o problema dos costumes diferentes de todos esses novos cidadãos, cada um em dificuldade com uma sociedade nova como a de Israel. Aqui chegou gente que não sabia o que era uma escova de dentes, gente que chegava a fazer pickles no lavabo da toailete achando que o lugar era limpo e servia para isso. Gente que, quando o governo mandava imprimir um cartaz da campanha contra as moscas, usava-o como *poster* na parede do quarto, fascinados pela imagem de uma mosca tão grande. Gente totalmente primitiva que nos deram fantásticos problemas, e que tivemos que transformar em pessoas que hoje podem conversar e ir à Universidade. Mas chegaram também professores, técnicos de primeira, intelectuais, cientistas. Também com eles nasceram problemas, naturalmente, e também com eles o povo mudou um pouco, tomando de cada um — dos primeiros e dos outros — uma pitada de novas experiências. É por isso que o israelense mudou, e mudou muito. Eu acho que esta foi uma mudança para melhor. Mas houve também outras mudanças: para pior. O idealismo, por exemplo. Havia muitos dispostos a fazer coisas maravilhosas, em nome do pioneirismo. Coisas que era preciso muita coragem para realizar, como, por exemplo, uma socie-

dade toda novinha em folha, para viver no Oriente Médio, com vizinhos que ninguém está disposto a considerar necessariamente como inimigos, mas, muito pelo contrário, como irmãos que moram na casa ao lado. Hoje, depois de 25 anos de guerra, o povo acumulou em seu coração muito pragmatismo. Talvez seja uma atitude razoável, mas para nós, os mais velhos, isto dói. Antes de 1948, tudo o que a gente precisava fazer era feito voluntariamente, com entusiasmo, com obstinação. Agora o Estado pensa em tudo, o cidadão limita-se a pagar seus impostos e quer ser servido como se deve. Claro, tudo isto é muito normal. Mas a saudade de uma outra atmosfera em Israel às vezes aperta a garganta.

— Nós esquecemos — finaliza Chaim Hefer — nossa raiz, e ficamos olhando admirados e interessados, para a América do Norte, para a Europa. Estamos internacionalizando Israel, transformando-nos numa subagência do Mercado Comum Europeu. Do ponto de vista cultural, Israel vai ficar ainda mais ligado à Europa do que aos Estados Unidos. A nova sofisticação, aqui, é de marca europeia, desde a literatura até o cinema, passando pelo teatro, a música, a poesia. Eu já disse: Israel está esquecendo suas raízes. E isto dói, isto dói mesmo, acredite...

No dia 14 de maio haverá festa grande em Jerusalém para celebrar o vigésimo quinto aniversário de Israel. Desde já, não há mais um quarto de hotel livre em todo o país, e as reservas para essa data começaram a ser feitas em 1971. Os diretores da companhia aérea israelense El Al estão pensando em fretar aviões de outras empresas, para enfrentar a avalanche de pedidos de lugares. A própria El Al estabeleceu um serviço de vigilância tão perfeito em todos os aeroportos e nos seus aviões, que qualquer tentativa de pirataria ou terrorismo está praticamente destinada ao fracasso. Daí a preferência dos passageiros pela El Al. As autoridades turísticas estão também prevendo a utilização de escolas e outras instituições, além dos kibutzim, para hospedar — num regime de pouco conforto, talvez, mas de grande economia — os visitantes mais jovens.

Mas nestes dias que precedem ao grande festival, o observador percebe também uma agitação preocupada que nada tem a ver com a agenda oficial das cerimônias. Este ano de 1973 (5733 na folhinha judaica) não é somente o do aniversário importante. É também e especialmente o das eleições políticas de novembro, as mais significativas desde a fundação de Israel. Pela primeira vez, com efeito, os candidatos que até agora por necessidade ou conveniência basearam suas campanhas só num assunto, a guerra, vão enfrentar um tema novo e urgente: o do homem israelense e seus problemas sociais.

Para falar nas eleições, e do que elas significam para Israel, aí está Dov Samir. É o porta-voz do Partido Trabalhista (ex-Ma-Pai) que detém os lugares-chave do atual governo e hospeda em suas fileiras os quatro principais candidatos de novembro. Candidatos para uma poltrona — a de primeiro ministro — que a atual ocupante, Golda Meir diz pretender deixar livre.

Dov Samir, 49 anos, casado, uma filha cumprindo as obrigações militares, mora numa casinha — quarto e sala — no kibutz de Bror Chail, a 45 quilômetros de Beer Sheva, a capital do deserto do Neguev. Neste kibutz fala-se normalmente o português, além do hebraico: aqui, por volta de 1950, chegaram os primeiros grupos de sionistas do Brasil, dividindo as então modestas instalações de Bror Chail com outros *chaverim* (companheiros) de origem egípcia.

Dov Samir, antes de assumir este nome bíblico, trabalhou muito entre Santos e São Paulo no movimento sionista, onde era conhecido como Bernard Cymering. Agora há quem diz que "Dov Kissinger" — assim o chamam seus amigos do partido —, depois desta brilhante experiência como porta-voz oficial, vai ele mesmo enfrentar os riscos da carreira política. Não é improvável. Com sua prodigiosa memória e sua impressionante capacidade em falar com extrema clareza, mas sempre deixando aos outros a tarefa de completar as frases mais delicadas ou as revelações mais indiscretas (ele se limita a confirmações com um modesto e quase involuntário fechar de olhos), Dov Samir pode ir muito longe. Ministro, diziam uma vez. E hoje já se insinua: primeiro ministro. Por que não?

— Dov Samir, o que vai acontecer com as próximas eleições? Em qual direção vai Israel, após 25 anos de existência?

— Na direção certa, finalmente. Pela primeira vez na história de um país os mesmos candidatos da "situação" vão agitar os temas que são, tradicionalmente, os da oposição. No nosso caso: os problemas sociais, o futuro do homem israelense. Até agora o governo foi obrigado a preocupar-se especialmente com a guerra. Muitas outras coisas importantes ficaram necessariamente esquecidas. Agora esta atitude vai ser radicalmente modificada. Isto não quer dizer que a guerra não seja mais um assunto de atualidade, e que tenhamos muitas esperanças na paz. Muito pelo contrário, especialmente após a nova situação no Vietnã, deveremos estar preparados para enfrentar, nesse setor, do ponto de vista diplomático ou do ponto de vista militar, momentos bastante delicados, até novembro. Acontece que o governo abriu os olhos e viu que, sem chegar até o limite das fronteiras, existem aqui em casa problemas de importância fundamental! Vamos dar um nome aos bois: inflação, miséria, problema habitacional, problema educacional, desemprego.

— E tudo isso, com as naturais ramificações: delinquência juvenil, prostituição, drogas, desmantelamento das instituições familiares, e até um certo desencanto das novas gerações para com os valores que, sozinhos, contribuíram para a existência de Israel. Na prática, temos duas guerras para enfrentar, uma em casa, outra no quintal. Uma é certamente resultante da outra. Se Israel não fosse obrigado, desde sempre, a gastar 500 dólares *per capita* com suas forças armadas, talvez as coisas não tivessem chegado a este ponto. Há quem diz mesmo na área do governo, que tudo isto é muito normal, o mundo inteiro está atravessando uma crise social e moral muito mais pro-

funda. Em todas as avenidas das cidades mais importantes do mundo, de Paris a Nova York, há prostitutas, há assaltantes, há drogados. Obrigado, amigos: Israel quer continuar "única", "diferente", pelo menos nisso.



Dov Samir, de origem brasileira, porta voz do Partido Trabalhista. Em novembro serão as eleições.

FAZENDA CUERAMA, S.A.R.L. PECUÁRIA

CAIXA POSTAL, 1378

LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS UNIÃO
União Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

Unimob

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO, SEGUROS, SAFARIS FOTOGRAFICOS DE CACA E PESCA

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 33 - P. O. BOX / C. P. 6534 - TELEG. «UNIMOB» - TELEFONE : 72131-72467-72952 - TELEX-2174 UNIMOB1-AM - LUANDA-ANGOLA



DE



PARA TODO O



DE TODO O



PARA



ADEUS 33.^a C.CMDS!!!

A 33.^a Companhia de Comandos foi mandada constituir pela Nota Circular n.º 1.672/PM, de 28 de Abril de 1971, da 1.ª REP/EME/ME (Secção de Administração e Mobilização de pessoal) e teve como Unidade Mobilizadora o Centro de Instrução de Operações Especiais, à excepção do pessoal do Estado, que teve como Unidade Mobilizadora o Centro de Instrução de Comandos.



Em 14 de julho de 1971 teve início o 22.º Curso de Comandos, tendo sido formadas duas Companhias — a 33.^a CCMS, para fazer a sua comissão de serviço em Angola e a 34.^a CCMDS, que seguiu para a Região Militar de Moçambique.

A 29 de Outubro, teve lugar a cerimónia de imposição de «CRACHATS» e entrega do Guião da Companhia, que foi presidida por Sua Ex.^a o General OLIVEIRA E SOUSA, CMTD da R.M.A.

A 33.^a Companhia de Comandos rendeu a 22.^a CCMDS e tomou parte em mais de 30 Operações, com comportamento de tal modo meritório, que se contam por louvores quase todas as acções efectuadas. No entanto não resistimos a transcrever um dos mais valiosos.

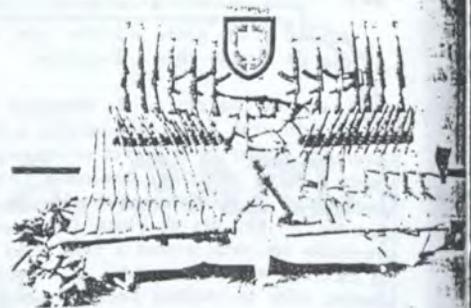
LOUVOR

— Que, Sua Excelência o General Comandante da ZM Leste, louvou:

Por seu despacho de 08JAN73

«A 33.^a CCMDS porque durante o período de cerca de 11 meses de permanência na ZMLESTE, actuando sempre como FINT do Cmd da ZMLESTE, manifestou apurada preparação técnica, espírito de corpo e forte moral, qualificações que desde o primeiro dia de actuação na ZMLESTE, procurou aumentar e aperfeiçoar, afirmando-se, em todas as operações em que tomou parte, uma sub-Unidade de elevada capacidade para o combate e alto sentido de missão.

Comandada por um Oficial muito sensato, corajoso e destemido, de extrema lealdade e vincada aptidão para o comando de tropas, constituída por pessoal muito aguerrido, animoso e coeso, a 33.^a CCMDS suportou galharda e estoicamente um intenso ritmo de actividade operacional, durante um período de permanência na ZMLESTE bastante superior ao que vinha sendo normal em relação às CCMDS, sem que os seus efectivos acusassem esse esforço, antes mantendo a mesma firme vontade de bem cumprir, pujança física, abnegação e agressividade. Nas muitas operações em que tomou parte, a 33.^a CCMDS, cumprindo com assi-



nalável brilho a sua missão, o que mereceu várias referências elogiosas do General Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, iniligiú severas perdas ao inimigo, desbaratando-o mesmo quando este dispunha de posições com organização de terreno e superioridade numérica causando-lhe elevado número de baixas apoderando-se de um grande número de armas individuais e colectivas, grande quantidade de granadas, munições e material de toda a espécie e destruindo sistematicamente numerosos locais de refúgio e meios de vida, sem ter sofrido uma única baixa verdadeiramente grave.

De entre essas operações merecem especial referência as denominadas EXPURGAR/XH, PRESSÃO 3/QH, ROJÃO /IH e ROJÃO 2/IH (1.ª e 2.ª Fases) em que os significativos resultados obtidos pela 33.^a CCMDS muito contribuíram para a desarticulação e desmoralização do inimigo. Pela sua actuação na ZMLESTE, a 33.^a CCMDS tornou-se credora do maior apreço, reconhecimento e admiração do General Comandante da ZMLESTE, que por esta forma lhe deu o público testemunho de louvor, na certeza de que os serviços por ela prestados nesta parcela de território nacional, honrando e prestigiando o Exército, bem merecem ser considerados de alto valor para Angola e para a Nação.

MENSAGEM

Tudo tem o seu fim.

Chegou também agora o bem merecido FIM da 33.^a CCMDS e ao ser pedida uma mensagem de despedida, o Cmdt do Centro não pode deixar de refrir que vai perder uma das suas melhores Companhias.

A recordação da 33.^a CCMDS perdurará para sempre no Centro de Instrução de Comandos e por essa razão bem orgulhosos se poderão sentir todos AQUELES que tiveram a honra de pertencer a tal Companhia.

C. 1. C., 16 de Outubro de 1973.

O COMANDANTE
ANTÓNIO CORREIA DINIS
Cor. Inf.ª «Comando»

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA



COLÉGIO MIRAMAR

DIGNIDADE NO ENSINO

APENAS EM 3 MESES PODE DAR NOVAS POSSIBILIDADES
À SUA VIDA. QUER ESTEJA AINDA NA VIDA MILITAR
OU JÁ A TENHA TERMINADO, VISITE-NOS.

DEPOIS ENTENDERÁ PORQUÊ!

Rua Companhia de Jesus, N.º 20
Bairro Miramar — Telef. 81842



O NOSSO ESTANDARDARTE

Tal como foi noticiado pela Imprensa luandense e aqui foi feita alusão no último editorial, no dia 12 de Outubro, Sua Excelência o Governador-Geral de Angola em nome do Governo Central veio até nós fazer entrega do Estandarte Nacional que nos foi concedido em agradecimento do esforço dispendido em nove anos de frutuoso serviço prestado à Nação.

Descrever a cerimónia talvez seja despropositado. Melhor do que nós, os discursos das individualidades mais representativas presentes à cerimónia que para nós foi festiva, poderão dizer-nos do alto significado do acontecimento. Faremos por isso a transcrição das palavras proferidas na parada do Centro.

O NOSSO ESTAN

PALAVRAS DO EXMO. COMANDANTE DO C.I.C. A INICIAR A CERIMÓNIA

Cabe-me a honra, não pela pessoa que sou, mas pela função que neste momento desempenho, de receber das mãos de V. Ex.^a, Senhor Governador-Geral, o Estandarte Nacional que por Portaria do Governo Central foi conferido ao Centro de Comandos e que V. Ex.^a numa decisão que muito nos sensibiliza, não só ofereceu, como também pessoalmente o vem entregar.

Sendo o Estandarte Nacional o símbolo da Pátria, mais honra ainda nos confere

Sendo o Estandarte Nacional o símbolo da Pátria, mais honra ainda nos confere esta entrega feita pelo mais alto Magistrado do Estado, lúcido representante do Governo da Nação, pois este gesto representa para nós «COMANDOS» um voto de confiança.

E pode confiar em Nós, Senhor Governador-Geral, na nossa entrega total aos ideais a que nos votamos, na nossa luta pela paz, na nossa determinação, no nosso respeito pelas hierarquias e especialmente nosso amor e carinho por ANGOLA, à qual nos votamos de alma e coração para que um dia (e que esse dia seja breve) atinja aquela potencialidade que todos nós desejamos, e V. Ex.^a mais do que ninguém pelas altas funções que ocupa, e nela continue a haver lugar, como o há actualmente, para todos os Portugueses seja qual for a sua cor da pele ou a sua religião.

É este princípio, que é de há longa data «Ponto de Honra» dos Comandos, pode ser confirmado por V. Ex.^a ao olhar para esta formatura que hoje, orgulhosamente vem prestar honras, pela primeira vez, ao seu Estandarte e onde sem discriminações, sem desigualdades, sem o mais pequeno reparo, se irmanam no mesmo ideal Portugueses de todas as Províncias Metropolitanas ou Ultramarinas unidos por uma só fé e por um único desejo — A grandeza da Pátria comum, materializada agora pelo Estandarte que V. Ex.^a se digna oferecer.

A sombra D'Ele, no ideal daquilo que de mais sagrado Ele representa, pode V. Ex.^a ter a absoluta certeza que será respeitado e mais do que isso, que o faremos respeitar, em qualquer momento e em qualquer situação, na defesa de um Povo e em prol de um Território, numa rea-

firmação total e completa da continuação de Portugal em África.

Bem haja Senhor Governador-Geral pela sua decisão de nos distinguir nesta festa do mais alto significado Pátrio para os Comandos de ANGOLA.

Em nome de todos o meu «MUITO OBRIGADO».

Aos brindes, usou primeiramente da palavra, o comandante-chefe das Forças Armadas, general Luz Cunha, que começou por dizer:

«As emoções são mais para se sentirem, do que para se dizerem. E vive-se hoje no Centro de Instrução de Comandos um dia especial — o dia em que o Centro de Instrução de Comandos passa a dispor do direito de usar uma bandeira com a particularidade — temos de assinalar, apreciar e agradecer — dessa bandeira ter espontaneamente, num gesto

de grande generosidade, sido oferecida pelo governador-geral de Angola.

Queria, portanto, como intérprete do comandante do Centro de Instrução de Comandos e do seu pessoal, e em meu próprio nome, agradecer reconhecidamente ao governador-geral, não só a grande honra que o seu gesto representa, como também o significado especial de apreço, que nesse gesto se traduz, que é o Centro de Instrução de Comandos.

Ao Comandante do Centro e a todos o seu pessoal, eu queria, igualmente transmitir todo o grande apreço que eu tenho por esta Unidade e pela forma notável como ao longo de tantos anos de luta contra a subversão, ela tem actuado.

É de assinalar a presença, hoje aqui, neste dia festivo da Unidade, de antigos elementos que aqui trabalharam e que aqui serviram, e isso traduz uma coesão que persiste para além



ARTE

da obrigação do serviço militar, e que é igualmente digno de ser assinalada.

Pessoalmente, e fiel às primeiras palavras que proferi, de que as emoções são mais para se sentirem que para se anunciarem, eu queria ofertar ao senhor governador-geral todo o nosso reconhecimento e respeito, pelo seu oferecimento, pela sua presença.

Quero reiterar igualmente ao comandante do Centro de Instrução de Comandos todo o apreço que efectivamente e muito justamente lhe é devido, ao comandante, a todo o seu pessoal, e quando digo a todo o seu pessoal, refiro-me aos actuais, aos novos comandos, que hoje mesmo assumiram essa função e a todos que no passado tempo têm sempre honrado a ideia que presidiu à constituição desta Unidade de Comandos.



Como comandante-chefe sinto a maior satisfação em aqui o dizer, e em aqui publicamente, manifestar todo esse meu apreço.

Em resposta, o Eng.º Santos e Castro afirmou de improviso.

Costumo ser, nas minhas palavras, tanto mais breve quanto mais sinto o acto em que participo. Foi assim o 2 de Novembro do ano passado; foi assim perante as gloriosas ruínas de Nova Oeiras há dias; e terá que ser, por todos os motivos, assim, neste acto.

«Em 1966, há sete anos, portanto, entrei nesta casa pela primeira vez e hoje não é a segunda. Tive oportunidade de sentir, e sobretudo de aprender, de que ser-se «Comando» para além de se procurar ser o máximo possível em virtudes militares e na acção militar, aprendi — dizia eu que ser-se «Comando» era também um modo de estar na vida.

Pude então avaliar, que quem passa pelas fileiras desta Unidade ou aqui se forma, é capaz de pôr sempre os ideais da própria Pátria, os ideais do bem estar de todos, os ideais do serviço em benefício da Comunidade Nacional, que constituem uma obrigação permanente — obrigação que não termina no dia do cumprimento da obrigação militar, mas que se projecta para o futuro em toda uma vida de acção seja qual for o caminho que seguirem.

Este facto, como Governador-geral de Angola, chama para mim a atenção particular deste Centro de Instrução de Comandos. Foi, portanto, com a maior alegria, com a maior emoção e, direi mesmo, porque é verdade, com a maior honra, que nas funções que actualmente desempenho, vim aqui hoje entregar o galardão que vós todos e os vossos antecessores conquistaram merecidamente para esta Unidade — o Estandarte.

Com isto está dito tudo. Apenas terei de acrescentar que evoca todos quantos aqui serviram, vivos e mortos, e que desejo a todos vós, que actualmente servis aqui, as maiores felicidades pessoais, mas que procuro entender o vosso pensamento, que para além das vossas felicidades pessoais, vós atingis na vossa acção os altos objectivos que honestamente, honradamente, decididamente, se sobrepõem. Viva Portugal».



ENCERRAMENTO DO 27.º CURSO DE COMANDOS

Alocução proferida pelo Exmo. Comandante do C. I. C. na cerimônia de encerramento do 27.º Curso de Comandos.

Exmo. Sr. Governador-Geral do Estado de Angola

Exmo. Sr. General Comandante-Chefe das F. A. de Angola

Exmas. Autoridades Civil e Militares

Exmos. Camaradas

1 — O Comandante do Centro de Comandos confessa que não encontra palavras que possam perfeitamente exprimir a honra que sente em receber nesta casa tão ilustres convidados.

Só o seu agradecimento muito sincero e muito sentido pode, embora modestamente, expressar o quanto a todos nós sensibiliza tão distintas presenças, que na singeleza desta cerimônia, como convém à austeridade militar, se consagra, não só o termo de uma aprendizagem, mas muito especialmente se enaltece a grandeza da vontade e o valor da determinação.

E porque nesta casa nos educamos na observância das suas regras e no entendimento mais completo dos conceitos superiores, o culto da hierarquia representa a afirmação primeira de quem, no cumprimento das missões que lhe são confiadas, se completa e realiza.

E sendo assim, visto o lugar cimeiro que V. Exas. ocupam nessa hierarquia e o alto exemplo que nos proporcionam, a



presença de V. Exas. significa para nós o melhor incentivo para o trabalho e possibilita que a profissão de fé dos novos «COMANDOS» se afirme com a maior solenidade.

Vão pois para V. Exas. as nossas respeitadas homenagens e não podemos deixar de manifestar, mais uma vez, o quanto nos sensibiliza tão distintas presenças e, nesta honra que nos concedem, pode-

mos encontrar sobejos motivos para melhor cumprirmos as nossas obrigações.

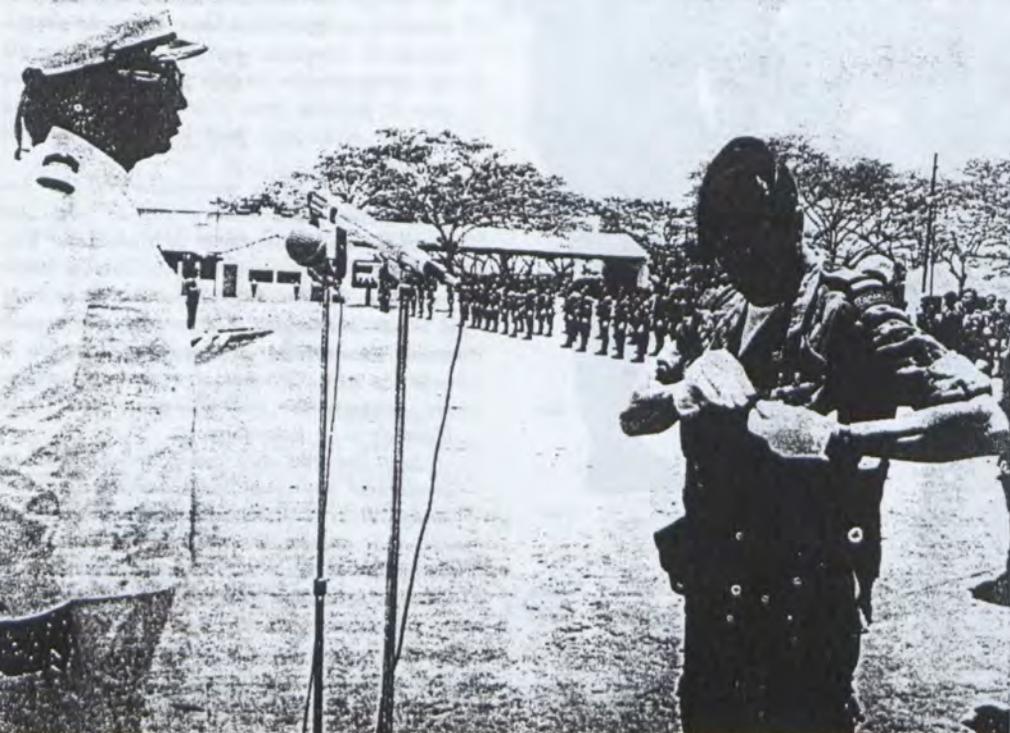
2 — Aos instrutores, monitores e auxiliares, que num gastamento diário de energias que as características desta instrução implicam e numa luta imensa, desta e dedicada, sem alardes, horários e descansos se entregam à dura e apagada tarefa de instruir, quando na afirmação dos seus ideais e numa constância que dignifica o seu gosto pelo risco, desvelavam sem dúvida, a sua integração em Companhias Operacionais, para buscarem no ardor da luta a plena satisfação das motivações que os levaram a querer ser «COMANDOS», o Comandante honra a sua colaboração e dos resultados obtidos e vivendo a mágoa de os reter, do seu sacrifício e do seu gastamento, não pode senão afirmar-lhes estar muito grato pelo seu trabalho.

3 — A mesma gratidão aos demais Oficiais, Sargentos e Praças deste Centro de Comandos e que aqui servem e se dedicam e que pelo seu préstimo, pelo seu exemplo e pela sua vontade de bem cumprir, podem sentir, com orgulho, no Curso que hoje se encerra, a infusão do seu trabalho e colaboração.

A todos os meus parabéns.

4 — Comandos

A vivência do ideal «COMANDO» não se concretiza contra vontade e o primeiro de um «COMANDO» baseia-se na afirmação voluntária de querer ser...



pois só o é, aquele que expressadamente assim o desejar.

Termina hoje uma aprendizagem que vos moldou nos gestos e nas atitudes e que é simultaneamente origem de um QUERER, prova de uma FÉ e testemunho de uma DETERMINAÇÃO.

Foram estas as razões que aqui vos mantiveram, são estas as razões que daqui vos continuarão.

O caminho de sacrifícios, esforços e renúncias que começastes a percorrer, quando o CURSO se iniciou, simboliza bem o vosso QUERER.

A insígnia que ireis receber e que no vosso peito terá o reflexo do vosso orgulho, não representa de modo algum o fim desejado ou atingido, mas representa sim o início da vossa maioridade como militares e como «COMANDOS» e onde, em esforço sobre esforço em risco após risco, com total abnegação, tereis de demonstrar, em público testemunho, o valor de uma vontade, o potencial de uma FÉ, e a força de uma determinação.

É pois na certeza do vosso QUERER que vos entregaremos a insígnia que a nós vos irmana e que, estamos certos, zelosamente usareis e com honra a sabereis dignificar.

Mas atendei:

Atendei que essa insígnia só terá signi-

ficado no vosso peito, só pode ser símbolo, de um comportamento quando esse comportamento existir em todas e quaisquer circunstâncias.

E se um dia, por fatalidade tal não suceder então arrancai do peito, sem hesitação, a vossa insígnia, pois se é condição primeira ser corajoso para a poder usar, igualmente é preciso coragem para se reconhecer não ser digno dela.

«O Querer ser Comando» é para além de tudo uma afirmação de comportamento, um desejar permanente das difíceis condições que lhe estão implícitas, uma constante e um exemplo na forma de viver, de sentir, de ousar para ganhar, sem olhar a riscos, canseiras ou sacrifícios.

É isto que verdadeiramente define um «COMANDO» o engrandece e o dignifica.

E se assim em vós acontecer, e a vossa formação o irá confirmar, tereis então dentro do vosso peito fundamento válido e raiz bastante para sobre ele, usar, com absoluto direito e mérito a insígnia que de agora em diante vos irá distinguir.

«COMANDOS»

É solene, na simplicidade das coisas realmente grandes o momento que viveis.

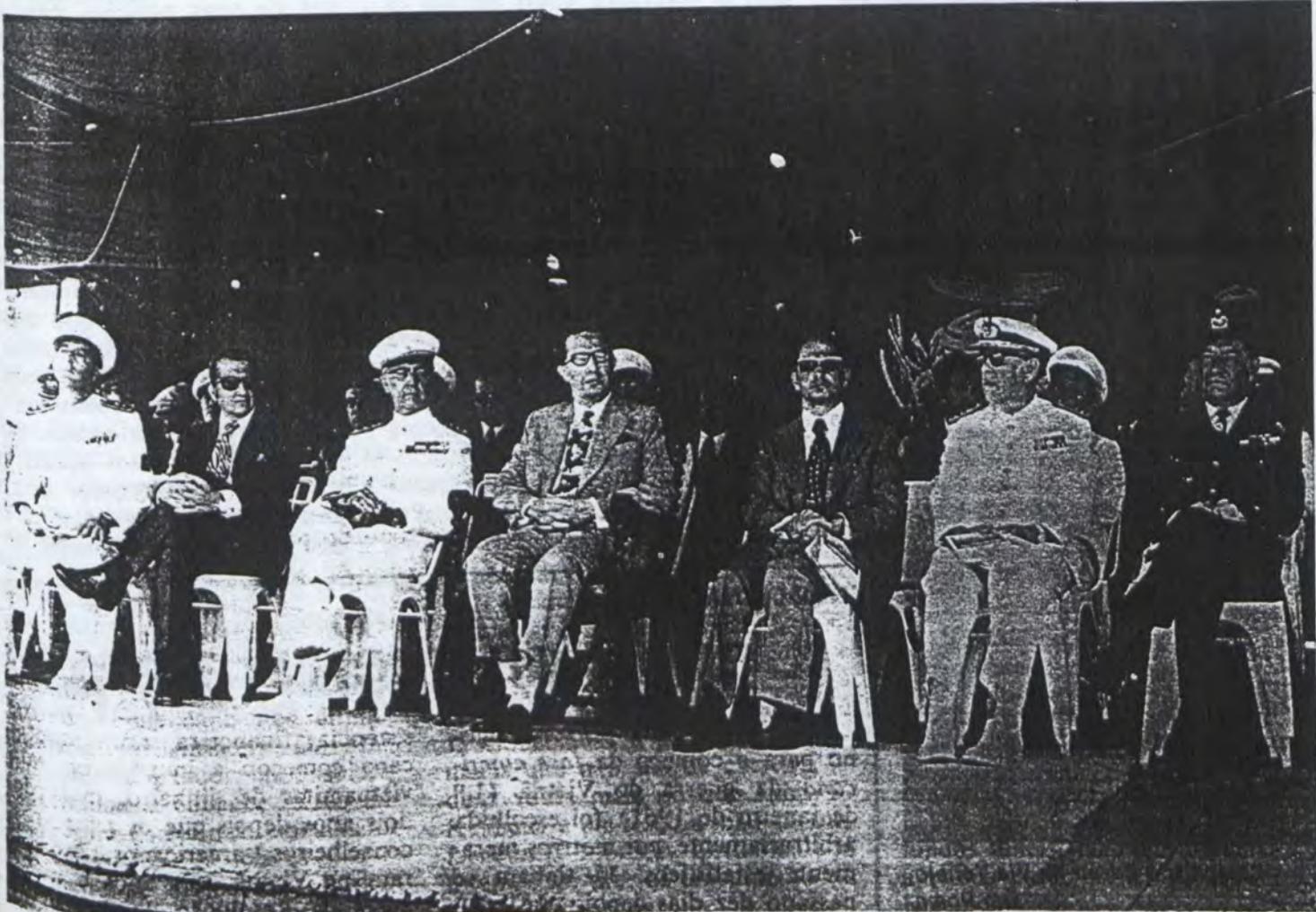
Olhai a Bandeira que nos acolhe e vê-de sempre nela os Símbolos Sagrados que nos transcendem, origem e força da nossa



FÉ, rumo e guia seguro dos árdios, mas gloriosos caminhos que ainda tereis de percorrer.

E ao segui-los, seguireis os fundamentos duma razão de existir como militares, coerentes com a vontade que aqui vos acompanhou.

E nada mais resta ao vosso Comandante, senão em seu nome e em nome de quantos aqui trabalham, pedir a Deus que seja para vós «COMANDOS» amparo seguro de todas as horas.



ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA

ARGENTINA

Quem corta o salame?

Precipitando-se do seu avião no aeroporto de Fiumicino, em Roma, na semana passada, o presidente eleito da Argentina, Hector Campora, gritou: "Hola, general!" Um Peron alto e bronzeado respondeu: "Parabéns, Hector!" E os dois velhos políticos se abraçaram, com lágrimas nos olhos.

Esse encontro emocional marcava a reunião triunfal do patriarca e do protegido — embora, em

alguns momentos, os papéis parecessem inverter-se. Campora tinha dito que ia "ver o meu chefe". Mas Peron chamou a si mesmo apenas "um soldado de Campora", acrescentando que "agora será o Sr. Campora quem vai cortar o salame". Nesse caso, a refeição será servida a Peron. O encontro em Roma foi uma confirmação da bizarra vitória-por-procuração que Peron, aos 77 anos, arquitetou em Madri depois de quase duas décadas de exílio.

Em suas luxuosas suítes contíguas no Hotel Excelsior, os dois homens entraram em detalhes. Foi dito a Campora quais seriam os membros do seu novo gabinete e como ele reconciliaria, da melhor maneira, o que ele chamou divergências "profundas e penosas" dentro do movimento justicialista de Peron, que contém elementos tanto da extrema direita como da esquerda radical. Nenhum dos dois quis revelar as decisões políticas tomadas, mas seus assessores deram algumas indicações sobre as ambições de Peron para a "nova Argentina".

Acima de tudo, há um plano para transformar a base agrícola do país numa base industrial, lembrando o programa que quase afundou a economia quando Peron estava no poder. Para ajudar

essa transformação haverá maior participação do Estado na vida econômica e industrial da Argentina. Embora a nacionalização das principais corporações esteja fora de cogitações no presente, toda a indústria privada será regulada mais estreitamente do que agora.

No setor internacional, a Argentina peronista tem esperança de desempenhar um importante papel neutralista. Na semana passada, enquanto Peron recebia congratulações do líder comunista da Romênia, Nicolae Ceausescu, Campora comparecia a uma audiência com o Papa Paulo VI, honra que havia sido recusada recentemente ao próprio Peron.

O problema é saber se Peron poderá fazer um mando eficiente por controle remoto. Lembro as mudanças de suas posições passadas intensificaram a inquietação operária. Há duas semanas, cerca de 5.000 policiais de La Plata que reivindicavam maiores salários ocuparam o quartel-general da Polícia e ergueram barricadas. A minirrevolta foi rapidamente esmagada por tanques do governo deixando pouca dúvida de que o verdadeiro poder está com o establishment militar, que ainda mostra muito cauteloso com relação ao peronismo. Na realidade se Peron forçar demais ou andar muito rápido, nas ordens que enviar do seu QG em Madri, poderia muito bem ocorrer um outro golpe como aquele que o derrubou do poder há 17 anos.

INDOCHINA

Depois da guerra, a paz?

A data marcada pelo Pentágono para o começo da fase americana da guerra do Vietnã (1.º de janeiro de 1961) foi escolhida arbitrariamente, por motivos meramente estatísticos. Já tinham se passado dez dias depois que a as-

sistência financeira norte-americana começou a inundar os sul-vietnamitas de dinheiro, mais de dois anos depois que os primeiros conselheiros americanos morreram no Vietnã, três anos e meio antes da Resolução do Golfo de



Campora e Peron na Via Veneto, em Roma.

Tonquim e quatro anos antes do desembarque dos *marines* em Danang. Era perfeitamente normal, portanto, que a data do fim da participação dos Estados Unidos na guerra do Vietnã (30 de março de 1973) caísse num dia qualquer: 35 dias depois da última baixa de guerra dos americanos, antes do fim dos bombardeios da Indochina e da assistência financeira.

Com a volta dos soldados e dos prisioneiros de guerra, os americanos parecem agora querer esquecer tudo sobre o Vietnã. Mas o verdadeiro problema consiste em saber se eles "perdoarão". Os contribuintes já se mostram bastante indispostos a gastar dinheiro com a reconstrução do Vietnã do Norte. Mesmo antes das revelações dos prisioneiros de guerra sobre as torturas, o jornal *Sun Times*, de Chicago, fez uma sondagem entre os leitores para saber se eles queriam ou não ajudar o Vietnã do Norte. Sobre um

total de 1.701 pessoas que responderam, a percentagem dos que votaram contra atingiu 10 por 1. Esta oposição aumentou depois, com certeza.

Mas o que importa agora é saber o que se pensa da reconstrução e da reconciliação nos próprios Estados Unidos. Não existe praticamente grande interesse sobre a questão. No mesmo discurso em que pediu aos americanos para "aceitar o desafio da paz que pode nos unir", o Presidente Nixon denunciou, mais uma vez, aqueles que tinham feito pressão para que a paz viesse mais cedo, insistindo que se tratava de "uma minoria pequena mas barulhenta" que tinha conseguido erguer uma "barreira de críticas sem precedentes" e que tinha querido "humilhar a pátria".

Se foi este o apelo feito em nome da fraternidade, ele teve um som amargo. Talvez Henry Kissinger ou Daniel Ellsberg pudessem negociar uma trégua intranacional.

CHINA

Mao descobre Confúcio



Mao aos 79 anos 18 Cont...

DIPLOMACIA

O preço dos Embaixadores

EMBAIXADOR, s. *Um correligionário político cujas contribuições financeiras para a campanha presidencial são grandes o bastante para compensar qualquer desvantagem de treinamento, linguagem ou habilidade na escolha para um importante posto diplomático.*

Essa definição pode muito bem ser considerada para a próxima edição do dicionário *Webster's*. O *New York Times* publicou na semana passada uma lista de embaixadores nomeados pelo Presidente Nixon, juntamente com as somas que eles deram para suas duas últimas eleições. O preço do menos prestigiado dos postos já é bem alto. Assim, em ordem ascendente, V. John Krejbiel, embaixador na Finlândia, pagou 19 mil dólares ao Partido Republicano nos últimos quatro anos; Anthony D. Marshall, o embaixador no ensolarado Trinidad e Tobago, 75.505 dólares; John P. Humes, embaixador na Áustria, 159.500 dólares.

Somente no ano passado, Walter H. Annenberg, embaixador na cor-

te de St. James, contribuiu com 254 mil dólares; a Sra. George Farkas, mulher do fundador da loja de departamentos Alexander's e embaixadora designada para Luxemburgo, entrou com 300 mil dólares (200 mil depois que Nixon já estava tranquilamente reeleito). Mesmo em Washington, entretanto, o dinheiro não é tudo. O magnata de seguros W. Clement Stone, por exemplo, despejou um milhão de dólares no ano passado — juntamente com diversas insinuações de que ele gostaria do posto em Londres — mas continua passando o tempo em Chicago.

Naturalmente, oferecer embaixadas ao maior ofertante não é coisa nova. Mas parece que a prática e os preços estão em alta. Em seu primeiro mandato, Nixon entregou 15 embaixadas a generosos diplomatas que não são de carreira — duas vezes mais do que John F. Kennedy e um terço a mais do que Lyndon B. Johnson. Certamente já é tempo de tirar as embaixadas da lista de barganhas.

Romando o crepúsculo de sua existência, aos 79 anos, Mao Tsé-Tung parece aproximar-se cada vez mais de Confúcio. Suas fotografias mais recentes mostram-no recebendo os visitantes em sua biblioteca, indicando ser ali o local em que passa a maior parte de seu tempo; ele presenteou o primeiro-ministro japonês, Tanaka, com diversos volumes de comentários confucionistas da poesia de Ch'u (Mao nasceu na histórica região de Ch'u). Os observadores chineses acreditam ter visto sinais de que Mao esteja se voltando para uma vida interior, refletindo sobre si mesmo à luz da filosofia de Confúcio. Do trecho de um conselho de Confúcio ao último Imperador da Dinastia Ming, sobre problemas de estocagem de cereais, surge o último *slogan* de Mao: "Cavem profundos túneis, guardem os cereais em toda parte, nunca procurem a hegemonia."

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
REPRESENTAÇÕES
ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. Franca, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 a 63

Caixa Postal, 363
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO
Fado em ambiente castiço

*ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE*

Estrada da Conduta (junto aos restau-
rantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO")

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

IMAGENS DO MUNDO

Com texto e fotos da "MANCHETE"

DEBATE Billy Graham e a castração

Muitas sobrancelhas cristãs se levantaram quando Billy Graham, durante uma entrevista à imprensa na África do Sul, propôs que os esportadores fossem castrados. Um grupo de ministros negros chegou a ameaçar um boicote à cruzada que o evangelista fará em julho em cidades americanas. Regressando da viagem, Graham reconheceu que sua declaração fora "improvisada, ligeira, espontânea" e que ele se arrependera imediatamente. Mas Graham não resistiu a pregar um pouco. "É interessante que a ideia de castração levante uma reação muito mais violenta do que a ideia do próprio estupro", observou ele. "Talvez isso seja parte da doença de nossa sociedade permissiva."



Billy Graham: falou mas não disse.



Depois da confusão que arranjou ao posar para um poster de *derrière* à mostra, Michel Polnareff resolveu adotar atitudes menos ousadas — e prometeu deixar o cabelo crescer até a cintura. Como isto ainda vai demorar um pouco e ele precisa ganhar a vida, resolveu estreiar no Olympia do jeito que está. Os óculos fazem parte do folclore e, à *côté*, Marina Vlady, Natalie Delon e Marlene Jobert.



Estas duas pistolas de duelo não pertencem a piratas de cinema: são duas valiosas peças de museu e tiveram um papel na História da América. Estão ligadas aos nomes de Lafayette, general da guerra da Independência americana, e a Simão Bolívar, libertador da América Espanhola. Fabricadas pelo famoso armeiro francês Nocholas Boutet, em 1825, as pistolas foram presenteadas por Lafayette a Bolívar. Elas foram expostas na famosa galeria londrina Sotheby's e vendidas pela quantia de 22 mil libras.



Sinatra e o Sr. Agnew: aspiândidos.

GENTE

Sinatra e a Casa Branca

Desde quando Frank Sinatra disparou em voz alta um palavrão contra a colunista *Maxime Cheshire*, de Washington, durante as festividades da segunda posse de Nixon, ele tem recebido um tratamento frio por parte da Casa Branca. Durante um jantar em Manhattan no qual recebeu o prêmio da Fundação Thomas A.

Dooley por ser um Esplêndido Americano de "retidão, honestidade e integridade". Sinatra verificou que o outro Esplêndido Americano, *Spiro T. Agnew*, estava meio distante. Os dois amigos chegaram separadamente, jantaram separadamente, partiram separadamente. Coube a *Judy Agnew* entreter o velho anfitrião.



Tenente-Coronel
Soares Carneiro

TENENTE - CORONEL SOARES CARNEIRO

Foi com muito regozijo que se recebeu neste Centro a notícia de que a Major Soares Carneiro havia sido promovido ao posto de Tenente-Coronel, muito recentemente.

Ao ex-segundo Comandante do CIC e actual Secretário-Geral do Governo de Angola, endereçamos as mais vivas saudações pela promoção continuamos a desejar as maiores venturas no espinhoso cargo em que confiadamente foi investido.

com nova fórmula



VEJA
NO MANÔMETRO
DO ÓLEO
A GRANDE DIFERENÇA
DO NOVO
Mobiloil super

Com o prego a fundo durante 200 Kms. uma olhadela ao manómetro... Pedal! Com o novo MOBILLOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão.

A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados.

Tacão e biqueira a 5.000 r.p.m. numa estrada de montanha. O óleo MOBILLOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência.

MOBILLOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILLOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção.

MOBILLOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis.

Use MOBILLOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manómetro a sua diferença.



Mobiloil
super

com nova fórmula

o seu carro precisa



CAIXA POSTAL, 156
TELEFONE, 22302
LUANDA — ANGOLA

**PRESENÇA EM TODA
A ANGOLA DURANTE
AS 24 HORAS
DE CADA DIA**

ESCUTE-NOS EM:

ONDA MÉDIA — 944 KHZ 317 m.

ONDA CURTA — 90 m 3359 KHZ - 60 m 4985 KHZ - 40 m 7215 KHZ

FREQUÊNCIA MODULADA — 97.5 MHZ

PARIS EM LUANDA

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA O HOMEM DE CLASSE...

PRODUTOS: AYER, LANVIN, REVILLON, RIVA, WIEN,
CARON, JOHNSON

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA A MULHER DE CLASSE...

COM ESTETICISTA HARIET HUBBARD AYER

Largo Serpa Pinto, 1
(Perto do Kate-Kero)



O CINEMA E O

JOHN

John Ford, director de alguns dos maiores filmes clássicos de Hollywood galardoado por quatro vezes com prémios de Academia, faleceu, no dia 31 de Agosto, na sua residência em Palm Desert, perto desta cidade, vítima de um cancro. Tinha 78 anos.

John Ford era um dos últimos pioneiros da idade de ouro de Hollywood. Nascido numa família de origem irlandesa em 1 de Fevereiro de 1895, em Portland, no Maine, Seu Aloysius O'Ferna (pronuncia-se O'Fienny), descobriu o cinema com a idade de 18 anos, juntando-se ao irmão, Francis, que trabalhava como aderecista em Hollywood.

De 1917 a 1922, realizou mais de 70 filmes mudos. Mas só em 1923, com a rodagem de «Cameo Kirby» é que adoptou o pseudónimo de John Ford.

A carreira do cineasta é assinalada por 126 filmes. Há vários temas predilectos na sua obra. O primeiro sinal da celebridade surgiu com a adaptação do romance «O Denunciante», de Liam O'Flaherty, em 1935.

Seguidamente, a epopeia do Oeste trouxe-lhe numerosos êxitos, desde o «Cavalo de Ferro», em 1924, ao «Sargento Negro», em 1960.

Passando da apologia do regime democrático de Roosevelt com «As Vinhas da Ira», em 1940, para o enternecimento pelo Sul («O Sol Brilha para Todos», 1953), o realizador rodou um dos primeiros filmes pro-índios, «O Massacre do Forte Apache», em 1948.

QUATRO ÓSCARES

Mas o primeiro grande filme de Ford fora, de facto, «The Informer» («O Denunciante», de 1936), sobre um caso de traição durante um levantamento em Dublin, obra que trouxe um Óscar ao seu principal intérprete, Victor MacLaglen, designado como o melhor actor do ano.

Depois, «A Cavalgada Fantástica», rodada em 1939, que é considerada por muitos a sua obra-prima, reabilitou por essa altura o «western» como género cinematográfico. Esse ano foi, porém, o de «E Tudo o Vento Levou» e Ford teve de esperar pelos dois anos seguintes para se ver na lista dos Óscares com «As Vinhas da Ira» e «O Vale Era Verde». Ele próprio considerava este último o seu melhor filme.

Em 1952 com «O Homem Tranquilo», John Ford obteve o seu quarto Óscar.

NDO PERDERAM FORD



John Wayne e Maureen O'Hara, os preferidos de Ford

feriu-lhe a Medalha da Liberdade, criada em 1945 pelo presidente Truman. Era a primeira vez que um presidente dos Estados Unidos honrava com a sua presença a Sétima Arte, participando numa cerimónia organizada por profissionais.

John Ford conheceu o actual presidente dos Estados Unidos na altura em que este, ainda jovem político, participava em Hollywood no estabelecimento da famosa lista negra, que devia condenar ao desemprego e ao exílio os que, na indústria do cinema, eram suspeitos de simpatias comunistas.

O mesmo Nixon que, ao saber da morte do realizador, quando se dirigia de avião de San Clement, na Califórnia, para Washington, afirmou: «Ele representava o que havia de melhor na indústria cinematográfica americana e o que havia de melhor na América.»

Na mensagem imediatamente publicada, Nixon diz, ainda: «Na história da indústria cinematográfica americana, nenhum nome brilhou com mais esplendor do que o de John Ford. Mestre consumado da sua arte, ele foi um dos pioneiros que transformaram uma indústria hesitante numa arte que desenvolvida na América se espalhou por todo o Mundo.»

Nixon salienta, ainda, na sua mensagem: «Era igualmente um homem que amou profundamente o seu país e que auxiliou pelo menos três gerações de americanos a melhor compreender a sua nação e o seu património.»

John Ford era casado, desde 1920, com Mary Smith, de quem teve dois filhos — Patrick e Bárbara.



Uma cena de «As Vinhas da Ira», realizado em 1940

«UM POETA DA CÂMARA»

Com um físico imponente e de feitio resmungão, Ford era rígido de carácter e recusava os compromissos. Durante as filmagens, aterrorizava os actores que ainda o não conheciam. Mas não John Wayne, um dos seus intérpretes favoritos, que fazia parte da sua equipa de «habituais», depois da «Cavalcada Fantástica». Wayne dizia dele: «Deixa que a câmara conte a história, nunca o faz com o diálogo. Começou a carreira quando as imagens mexiam em vez de falarem. Nunca esqueceu esta lição e é por isso que os seus filmes são tão bons. É um poeta da câmara.»

Por seu turno, Orson Welles, o famoso actor-produztor, ao ser interrogado uma vez para indicar em quem votaria como o melhor director cinematográfico americano respondeu: «Dos velhos mestres apenas elegeria um — John Ford.»

MEDALHA DA LIBERDADE

Em Abril findo, o Instituto Americano do Filme, organização criada pela indústria cinematográfica, entregara-lhe esta medalha, homenageando-o pelo conjunto da sua obra. Na mesma ocasião, o presidente Nixon, seu amigo de longa data, con-



«Stagecoach» («Cavalcada Heróica»), dirigido pelo grande realizador, em 1939, foi um dos primeiros filmes seus em que John Wayne apareceu

O CASO SOLJENITSIN

O que acontece quando um escritor russo se recusa a fazer o jogo do herói positivo

TEXTO DE ARMAND LANOUX, DA ACADEMIA GONCOURT *

No dia 4 de novembro de 1969, a União dos Escritores de Riazan, grande centro metalúrgico e agrícola situado a 100 quilômetros a sudeste de Moscou, se reunia com uma embaraçosa ordem do dia. Tratava-se de um julgamento do mais discutido escritor russo, desde a morte, em 1960, de Bóris Pasternak: Alexandre Issaievitch Soljenitsin, um ex-deportado para a Sibéria.

Diante da União dos Escritores e da opinião pública, o acusado era um rebelde. Depois de anos de conflito, todas as tentativas de negociação haviam fracassado diante da dupla intransigência, do homem e da associação. Cada um estava consciente da importância da reunião, embora seu resultado fosse claramente previsto. Soljenitsin era, certamente, o acusado, mas seus colegas também o eram, pois a exclusão da União local assume um valor nacional e priva o "condenado" de todos os direitos profissionais, marginalizando-o, numa espécie de morte civil.

Soljenitsin tinha então 51 anos. Eu o tinha visto, dois anos antes, em Moscou, no quarto congresso dos escritores soviéticos, em maio de 1967. Nervoso, com o rosto esverdeado, maltratado pelos muitos choques sofridos, ele tinha a aparência de uma estátua, as maçãs do rosto macilentas, as pálpebras entumecidas pela insônia, bochechas infladas. Apesar disso, o romancista nada perdera de sua virulência, apelando sem hesitação para o grande juiz que é o futuro, o *zavstra* dos russos, povo messiânico, seja ele ateu ou crente.

Em Riazan sua aparência não poderia ter sido melhor. A sessão durou apenas uma hora e meia. O acusado cumpria seu papel de acusado, o tribunal, o de tribunal, e a União de Riazan excluiu o rebelde. A opinião pública soviética, então, preocupava-se somente com a China. Seus pensamentos mais importantes nada tinham a ver com a liberdade de expressão — coisa muito remota para ela —, mas sim com o grande mal que pairava, ameaçador, sobre a Rússia, e que sempre apavorou o psiquismo nacional, de *Guerra e Paz* a *Agosto 1914*, de Tolstói e Soljenitsin: a guerra!

Casado com Natália Rechetovskaia, uma engenheira química, começou a lecionar em Rostov-sobre-o-Don, quando estourou a Segunda Guerra Mundial. Mobilizado como soldado, foi promovido a oficial

em outubro de 1941 (veja quadro na pág. 51). Apaixonado pela artilharia (isso se percebe em *Agosto 1914* — Tolstói é infante, Cholokov cavaleiro, Constantin Simonov correspondente de guerra, Soljenitsin artilheiro: diferentes maneiras de encarar as coisas), Soljenitsin assume corajosamente o seu lugar. Ele era capitão aos 27 anos. E foi atingido pela primeira vez.

Tudo o que sabemos de Alexandre como escritor faz pensar que, como oficial, ele já devia gostar de expressões satíricas, de julgamentos duros e irônicos, que não agradam muito à ordem militar, e menos ainda quando a nação está empenhada numa luta mortal. E muito menos ainda quando o homem que a governa está fechado nos círculos do seu próprio poder, irremediavelmente só, com sua desconfiança (*O Primeiro Círculo*): Stálin reinava nessa época.

A espionagem e a censura endureciam. Foram abertas algumas cartas nas quais o imprudente oficial de artilharia falava do tirão como se ele fosse um homem qualquer. A guerra ainda não tinha terminado quando ele foi enviado para um campo de "reeducação pelo trabalho". Lá ele encontraria logo aquela que seria sua mais fiel companheira: a doença (*O Pavilhão dos Cancerosos*). Paradoxalmente, foi ela que o salvou. Em março de 1953, terminada sua pena, Alexandre ficava na Sibéria, relegado. Foi então que explodiu a mais incrível notícia que a Rússia já tinha ouvido, desde 1917: morreu Stálin. Lentamente, a camada de gelo que cobria a vida do país se derretia, nos incompreensíveis estrondos da história. Lentamente, porque só em 1956, com 38 anos, Soljenitsin reaparecia em Riazan, e, depois, numa Moscou que olhava com piedade, fascinação, contrariedade e às vezes até com rancor os egressos dos campos (*O Pavilhão dos Cancerosos*). Não seria possível fechar durante muito tempo os ouvidos aos seus relatos pavorosos. Então o iceberg virou.

O 20.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética se abriu em fevereiro de 1956 sob revelações certamente parciais, mas extraordinárias. O "culto à personalidade" era denunciado por um pequeno homem redondo, jovial, imberbe, careca. O ucraniano Krushev iniciava sua ascensão. Krushev precisava de apoio de todas as áreas. A desestalinização se chocava com uma passividade essencialmente russa, a

mesma que faz a Rússia perder o início das guerras (a análise desse caso dá o tom de *Agosto 1914*), para não se esmagar adversário. O poder russo nunca deixou pensar que os escritores são feitos para isso. Alexandre trazia da Sibéria essa ingenua indignação, essa vontade de dizer tudo de que o novo poder precisava.

Alexandre encontrou então um homem que não parecia muito fisicamente com ele, mas com uma disposição intelectual semelhante à sua. Musculoso e sanguíneo — enquanto o ex-deportado era macilento — ansioso —, mas com a mesma paixão por uma literatura liberta, Alexandre Tvardovsky, morto recentemente, era a alma da revista de vanguarda *Novy Mir* ("O Novo Mundo"). Tvardovsky publicou imediatamente um conto de Soljenitsin: *Um Dia de Ivan Denissovitch*, testemunho quase insustentável da vida cotidiana nos campos.

Krushev tinha sorte. Não somente o novo escritor testemunhava, mas ainda demonstrava um grande talento. Tinha uma música, um sopro, um tempo que atingiam o próprio gênio da língua. Às vezes pessoal e tradicional, seu texto impunha lembrança de Dostoiévski e de seus contos do cárcere. Krushev conseguiu matar dois coelhos de uma só cajadada!

Como Dostoiévski, era formado pelos princípios científicos; como ele, era doente e filho espiritual da doença, câncer por epilepsia; como ele, era profundamente espiritualista. Alexandre segue a trilha de Dostoiévski, que também fora deportado por contestar o regime (no caso, o do czar, em 1849). Moscou saudou o novo Dostoiévski de um comunismo libertado do terror. Raramente a ascensão de um escritor foi tão vertiginosa.

Em 1963, Alexandre publica *A Casa de Matriona*, obra menos importante que *Ivan*. São publicadas algumas novelas dele, entre elas "A Estação de Kretchetov" e "Para o Bem da Causa". Ele trabalha com afincamento monástico, indiferente às modificações da vida política, integralmente dedicado à sua obra. Alexandre não se apercebe dos estalos de uma glória que ele nunca tinha entendido ou admitido, que era ligado a uma conjuntura política. Entre-

* Ligado aos meios intelectuais soviéticos, Lanoux conviveu com a maioria dos envolvidos neste caso.

tanto, o amargor da obra fazia ranger os dentes dos que achavam que já se tinha falado muito dos erros de Stálin e da Sibéria. Instalado em Riazan, a leste do rio Toulou de Tolstói, seu outro Deus, Alexandre continuava a derramar seus venenos no papel, no silêncio das neves e dos verões. O romancista é um homem que vive de fazer transposições, de cenários e de situações. Sobretudo o romancista russo. Ele produz páginas e páginas, escrevendo *O Pavilhão dos Cancerosos* e *O Primeiro Círculo*. Mas a velocidade da vida do escritor e a da sociedade não estão sincronizadas. Esta última é muito mais rápida do que a outra. Quando em outubro de 1964, Kruschchev desaparece da cena política, Alexandre não percebe que sua sorte mudou.

Em 1967, apesar de sua admiração e de sua fidelidade ao regime, Alexandre não tinha ainda conseguido publicar "O Primeiro Círculo" e o "Pavilhão". Ele tomava conhecimento de um novo inimigo: o silêncio glacial, os intermináveis adiamentos dos editores. De novo ele é asfixiado. O mercado editorial soviético, totalmente estatizado, depende do poder que traça uma linha geral que desemboca na União dos Escritores, único órgão profissional. Escritório do governo, escritório do editor, escritório da União dos Escritores: um universo kafkiano, frequentemente descrito. Alexandre era levado, assim, de um escritório a outro, com prazos repetidamente protelados. Ao mesmo tempo, seus dissabores eram divulgados, e os bajuladores de antes se afastavam. Existe na União Soviética uma edição paralela, às vezes manipulada pelo poder, mas, na maioria dos casos, ilegal. É uma edição à base de manuscritos datilografados, mimeografados ou fotocopiados. Como inúmeros funcionários têm de dar seu parecer, os "manuscritos" que, no Ocidente, em geral, são reproduzidos em três cópias, lá são multiplicados. Dessas cópias nascem outras cópias, constituindo uma auto edição rudimentar. É o *samizdat*. Foi através dele que seu trabalho passou então a se tornar conhecido.

De 1964, quando sua candidatura ao Prêmio Lenine foi recusada, até a abertura do 4.º Congresso dos Escritores, em 1967, houve uma série de apelos aos editores do Estado, cartas abertas, respostas à imprensa. Ele se aprofundava cada vez mais.

A paciência não era, porém, sua virtude. Pois ele já esperava há muito tempo. Só lhe restava um recurso: o escândalo. Em 1967, ele estourou. Era no 4.º Congresso da União dos Escritores. O "Caso Soljenitsin", até então abafado, imediatamente tornou-se irremediavelmente público.

No dia 16 de maio de 1967, em uma carta aberta, o antigo proscrito denunciava a censura legal, lembrava a infelicidade de Iessenine, Maiakóvski, Bunine, Bulkanov, Pasternak e citava Puchkin, afirmando sobre os russos: "Eles só são capazes de amar os mortos". Ele via nesse estado de permanente sujeição a causa de declínio da literatura russa. Em seguida, pedia justiça. Terminava com alívio: "Ninguém pode

criar obstáculos ao caminho que leva à verdade e, para defender sua causa, estou pronto a enfrentar a própria morte". Era o tom de quem reivindicava para os outros, para o escritor, o dever de tratar dos assuntos universais e eternos, "os mistérios do coração e da consciência humana, o conflito da vida e da morte, a exacerbação da dor espiritual e as leis brotadas das insondáveis profundezas dos milênios que acompanharão a história da humanidade e durarão até que o sol se apague". O homem individual voltava-se contra o homem coletivo. Mas, como o fato se tornava público, daí para a frente era impossível qualquer solução de compromisso. Soljenitsin havia derrubado as pontes atrás de si.

Ao voltar à tona, no dia 22 de setembro de 1967, o caso muda de figura. O cenário é, desta vez, a União dos Escritores de Moscou. Tudo acontece como se o governo fizesse este raciocínio: como Soljenitsin é um escritor, que os escritores sejam então seus próprios policiais! Os debates permitiriam um melhor conhecimento da vida profissional dos escritores soviéticos, as características da sua organização, suas afinidades com a linha geral, suas fraquezas, seus escrúpulos, suas contradições.

A questão de legitimidade da censura em país socialista, herança da censura czarista, é colocada em discussão. Desde a morte de Stálin, a literatura soviética vive esse conflito entre a liberdade de expressão, oxigênio necessário ao escritor, e as necessidades de uma sociedade que não acabou de fazer a sua revolução e que quer dirigir todas as suas energias à concretização do seu ideal. A União Soviética depois de Stálin ainda não repudiou totalmente a palavra de ordem desse ex-seminarista georgiano: "O escritor é o engenheiro das almas". Mikail Cholokov, considerado na URSS o maior escritor russo vivo, autor de *O Dom Pacífico* graças a um Prêmio Nobel aceito sem a menor reserva em 1965, joga-se contra seu rival. Dominando mal uma vocação de fornecedor de presos, inimigo de toda abertura liberal (e inimigo de Ilya Ehrenbourg, o primeiro de uma fila, em que também alinhava Alexandre e Tvardovsky), Cholokov, o Cossaco Amado de Stálin, chega a pedir a prisão de Soljenitsin.

Constantin Simonov, nascido em 1915, romancista autor de *Vivos e Mortos*, ligado às revistas progressistas *Junost* ("Juventude") e *Novy Mir*, procura um acordo, dizendo: "Eu não aceito o romance *O Primeiro Círculo* e sou contra sua publicação". Isto significa que, mesmo partidário da liberalização, não discute a regra baseada num princípio difícil de compreender, ou seja: que o Estado tem direito de discordar ou de recusar a publicação de uma obra de arte que considera nociva. Apesar disso, a posição de Simonov não é absoluta: "Quanto ao *Pavilhão dos Cancerosos*, sou favorável à sua publicação. A partir desta opinião, considerando lícito um romance sombrio, mas sem complicação

política muito evidente, e ilícito um romance muito mais "engajado". Simonov reafirma sua solidariedade profissional: "É também nosso dever profissional refutar as calúnias que se levantam contra Soljenitsin".

Esta poderia ser a solução, se não fossem os protestos de Soljenitsin contra seus colegas: "Sim, não há dúvida que tudo é uma farsa, mas não sou eu o farsante".

Alexis Spurkov, um dos seus colegas, havia declarado: "As obras de Soljenitsin são mais perigosas para nós que as de Pasternak. Este era um homem da vida, angustiado com ela, enquanto que Soljenitsin tem um temperamento vivo, batalhador, ideologicamente determinado". Belo elogio indireto e excelente análise!

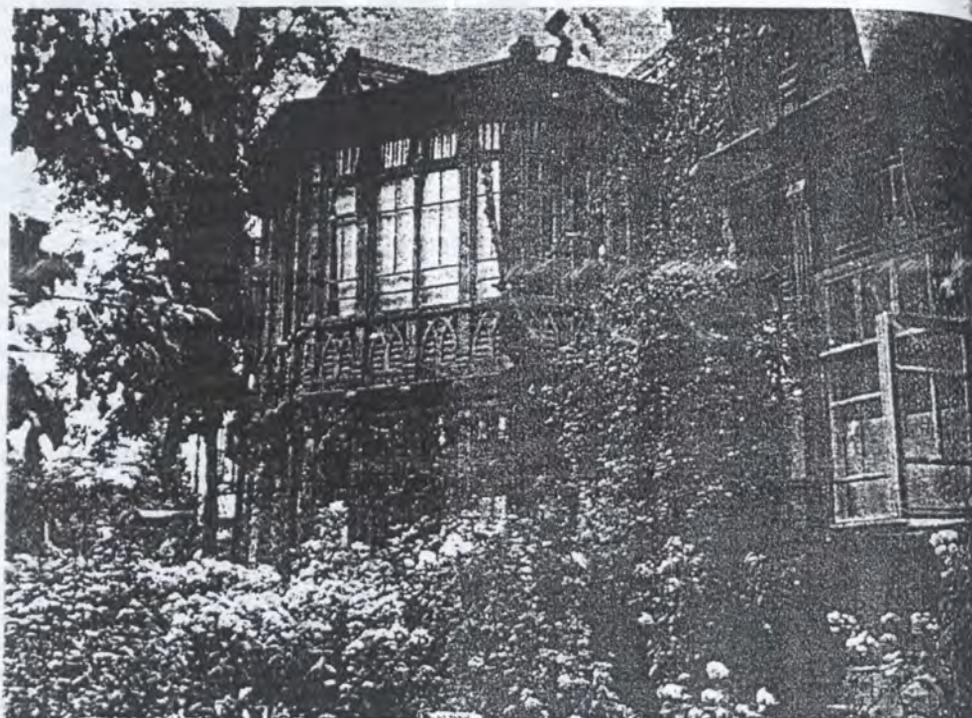
As oposições eram irreduzíveis e tudo já tinha sido dito. A decisão de Riazan veio somente dois anos depois. Excluído da União de Riazan em 1969, Soljenitsin seria jogado novamente na mesma situação de antes, no nada, de onde a guerra, a Sibéria e o triunfo literário o haviam tirado. Apontado com sua pensão de inválido de guerra, tornou-se um pária, vítima da mais obtusa intriga policial-esca.

No dia 12 de novembro de 1969, ele enviou sua célebre carta ao secretário da União dos Escritores, na qual protestava — e com que veemência — contra a exclusão: "Limpem os mostradores de seus relógios e verão que eles estão atrasados em relação aos tempos em que vivemos. Abram então essas cortinas de que vocês tanto gostam: vocês nem sequer sabem que aqui fora é dia...". Nesse clima, insuportável para qualquer artista que não tenha uma arraijada vocação para a infelicidade e a revolta, Soljenitsin escreveu, entre 1969 e 1970, o volumoso *Agosto 1914*. Pouco numerosos, mas corajosos, admiradores do escritor desafiaram a opinião oficial e o poder do Estado, encontrando boa receptividade em algumas pessoas. No exterior, a opinião pública se inflamava. O sucesso das inúmeras traduções do *Pavilhão dos Cancerosos* e do *O Primeiro Círculo* crescia. Soljenitsin, conhecido universalmente, achava-se numa situação moral comparável à de Tolstói excomungado. Mas o que mais irritava as autoridades soviéticas era a solidariedade a Soljenitsin, de um número crescente de progressistas e comunistas. É então que explode nesse caminho tempestuoso a trovada de Estocolmo. Em outubro de 1970, a Academia Real concede o Prêmio Nobel ao condenado de Riazan.

Depois do silêncio oficial, surgiram notícias contraditórias. Ora se dizia que ele seria autorizado a receber o prêmio, ora que não. Ou ainda, que o prêmio fora remetido à embaixada sueca em Moscou. Os diplomatas, sucessos desmentiram. Finalmente, obtendo a autorização para sair da URSS, Soljenitsin não quis fazê-lo, temendo que sua entrada no país fosse barrada, posteriormente. Na verdade, os soviéticos preferem às vezes não ter de escolher.

Vimos, neste relato, as figuras do corajoso e sanguíneo Tvardovsky, do brutal Chotokov, do flexível e fragil Simonov, do doloroso Ilya Ehrenbourg. Nenhum desses homens é um fantoche. O maniqueísmo das polémicas na imprensa deforma sempre a verdade. Alexis Surkov, adversário de Soljenitsin, é um homem talentoso e inteligente, nunca um burocrata obtuso. Indubitavelmente sincero. Como explica, então, sua posição contra Soljenitsin, que certamente o afligiu. Pela convicção. Ele mesmo diz: "Nós representamos, em toda a história da humanidade, a primeira revolução que não mudou suas palavras de ordem nem suas bandeiras. O socialismo moral é um socialismo burguês". Vê-se, assim, que ocorre no caso uma tragédia moderna, um Shakespeare à medida do nosso tempo. O interesse de uma revolução pode ou não tolerar a liberdade de criação? O debate seria próprio para um Saint Juste ou para um Robespierre.

Repassando essa longa história — e nós não entramos em todas as suas implicações e detalhes — permanece uma questão essencial para a literatura: qual é o valor intrínseco da obra? No que concerne ao conteúdo ideológico, que preocupa muito mais aos marxistas que aos outros, pode ficar a dúvida. Acredita-se que Soljenitsin era um comunista dissidente, em conflito com o poder. É um erro, porém. Ele não é comunista de modo algum: Soljenitsin é um escritor cristão que vive num universo comunista. Basta lembrar sua fremeante carta de março de 1972, denunciando a passividade da Igreja Ortodoxa, para estar convencido disso. Mas nem por isso ele é anticomunista. Ele é espiritualista, unicamente preocupado com os fins supremos do homem metafísico, se não místico. Soljenitsin, como os grandes russos, quer assumir toda a condição humana. Um de seus personagens, o mais comovente, é o rústico Poduiev, que jamais leu um livro (*O Pavilhão dos Câncerosos*). Compare-se com *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, e surgirá da comparação a pergunta do patriarca de Iasnaia Poliana: "O que faz os homens viverem?" Qual é o poder que lhes dá — que nos dá — a força de viver? Poduiev, que desvenda Tolstói em seu espírito virgem de toda leitura, é o correspondente soljenitsiniano do mujique Platon Karataiev de *Guerra e Paz*, o ilustrado por quem passa toda a sabedoria do mundo, o maior personagem de Tolstói, a meu ver. Certamente, essa homenagem a Tolstói é voluntária. A grandeza de Soljenitsin é que seus personagens procuram fazer, de uma maneira ou de outra, o que eles fazem na Terra. Mais ainda do que a denúncia do stalinismo, o quadro pessimista do mundo, a recusa de fazer o jogo do "herói positivo": é esse o problema básico de sua obra, que os sucessores de Krushev, até certo ponto herdeiros de Stálin, não lhe perdoa.



Soljenitsin viveu até os seis anos em Kislovodska, onde ainda existe a casa de seus tios (acima).



As recordações de uma tia, Irina Scherback, ajudaram Soljenitsin a escrever *Agosto 1914*.



Com 21 anos, ele começou a estudar por correspondência: "Eu tinha sede de escrever..."



Após a libertação, em 1953, vive seu período mais criador. Em 1955, escreve *O Pavilhão dos Câncerosos*.

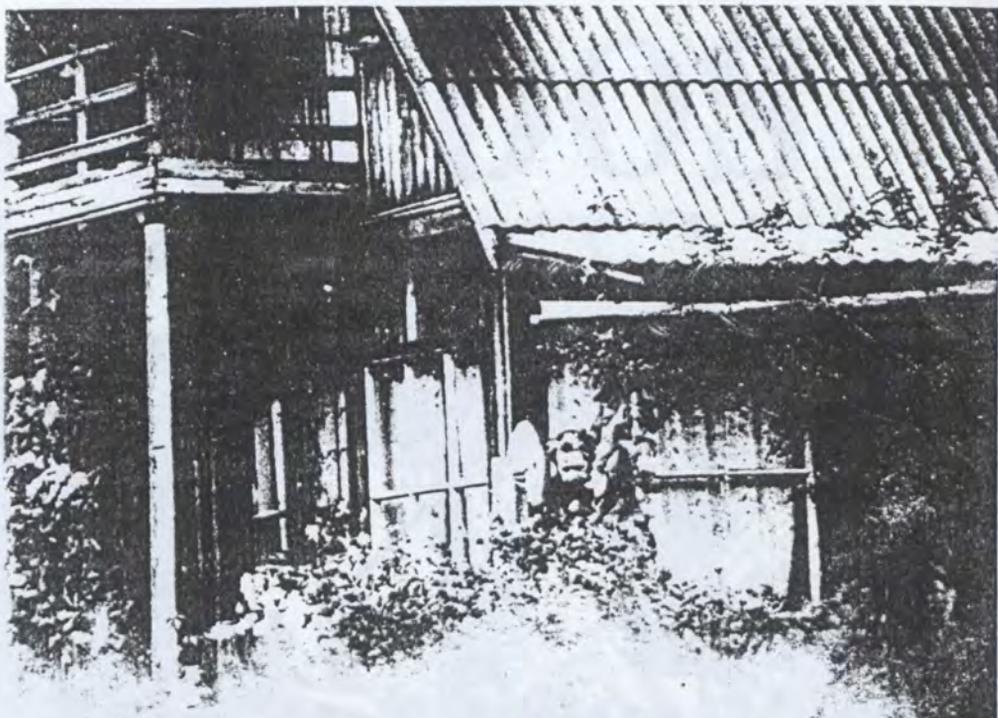
A apreciação literária propriamente dita é mais penosa e difícil, quando feita do exterior. Falei de Soljenitsin com muitos escritores e professores russos. Ilya Ehrenbourg o punha em primeiro lugar, junto a Pasternak, muito acima de Cholókov (não é de se estranhar a reação de Cholókov...). Outros, mais moderados, como Constantin Simonov, admiravam algumas partes de sua obra e rejeitavam outras. Ele era, assim, envolto por uma certa aura profissional. A arte de Soljenitsin é realista e clássica. Ele raramente deforma a realidade, embora freqüentemente a enegreça.

Jamais chega ao expressionismo (apesar de pequenos exageros de narrações cinematográficas e telegráficas, em Agosto 1914). Nesse sentido, ele está atrasado em relação a Gogol (morto em 1852) e havia muito mais novidades em Maiaikovski. Na opinião dos estudiosos do eslavo, ele é, antes de tudo, um mestre da linguagem. Apesar disso, é sob esse aspecto que é menos conhecido no mundo não russo. As traduções em francês são aflitivamente ruins*. Afirma-se que as obras de Soljenitsin se destacam pela qualidade musical de seu texto, mas o texto francês que nos apresentam não tem a menor musicalidade.

Quem lê toda a sua já volumosa obra certamente poderá ser mais tocado por *Um Dia de Ivan Denisovitch*, janela aberta sobre uma realidade até então escondida, do que pela *Casa de Matryona*, tão propositalmente sombria. *O Pavilhão dos Cancerosos* me parece sem dúvida o melhor de seus livros, precisamente o mais próximo de Dostoiévski, o que esquadrinha mais profundamente as raízes do ser, como diz o ensaísta Quentin Ritze. Num estudo respeitável, o crítico Piotr Rawicz (do jornal "Le Monde") conseguiu analisar penetrantemente a arte de Soljenitsin. Ele destaca, no autor, sua "potência beethoveniana". É o canto profundo que também marca Pasternak e seu *Jivago*. Existe nele, como na alma russa, mais música do que plástica.

Não, os acadêmicos suecos não se enganaram. Independentemente da tragédia pessoal do homem chamado Soljenitsin e da sua significação, independente da guerra ideológica, eles coroaram um escritor de primeiro plano.

O caso Soljenitsin não terminou ainda. Ainda terá outras conseqüências. Em que sentido? Há interesse, por parte dos observadores dos problemas do leste europeu, de acompanhar as oscilações, freqüentemente contraditórias, da opinião dos escritores e dos poderes em tudo o que se refere a ele. E eu não conheço outro teste mais revelador do totalitarismo desse lado do mundo.



Desde 1969, Soljenitsin vive isolado na modesta casa de campo de um amigo violoncelista, em Zhukovka.



Sete anos após o divórcio, em 1951, ele voltou a viver com a primeira mulher, por pouco tempo.



O segundo casamento, com Natália Svetlova, lhe deu um filho, Yermolai (foto de abril de 1972).



Soljenitsin, numa de suas raras aparições em público: o enterro de seu amigo e professor Tvardovskiy, em 1971.

* Também, com traduções consideradas ruins, foram publicados em português os seguintes livros de Soljenitsin: *A Mão Direita e Outras Histórias* (incluindo as novelas "A Casa de Matryona" e "A Estação de Kreichetova", Bloch Editores); *O Pavilhão dos Cancerosos* (Expressão e Cultural); *O Primeiro Circo* (Bruguer); e *Um Dia na Vida de Ivan Denisovitch* (Bruguer).

